

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**REGINA ALVES SÃO MARCOS**

**ZALINA ROLIM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS  
NA *REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA* DA ESCOLA NORMAL CAETANO DE  
CAMPOS EM SÃO PAULO (1896-1897)**

**PARANAÍBA-MS**

**2023**

**REGINA ALVES SÃO MARCOS**

**ZALINA ROLIM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS  
NA *REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA* DA ESCOLA NORMAL CAETANO DE  
CAMPOS EM SÃO PAULO (1896-1897)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Área de concentração: Educação Linguagem e Sociedade.

Linha de pesquisa: História, Sociedade e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti.

**PARANAÍBA-MS**

**2023**

---

S241z São Marcos, Regina Alves

Zalina Rolim e suas contribuições para a educação de crianças na revista jardim da infância da escola normal Caetano de Campos em São Paulo (1896-1897)/ Regina Alves São Marcos. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2023.

82p.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti.

1. História da educação. 2. Zalina Rolim 3. Revista Jardim da infância. 5. Educação da infância. I. Título. II. Bertoletti, Estela Natalina Mantovani.

CDD. 23. ed. - 370.9

**REGINA ALVES SÃO MARCOS**

**ZALINA ROLIM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS  
NA REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA DA ESCOLA NORMAL CAETANO DE  
CAMPOS EM SÃO PAULO (1896-1897)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em ...../...../.....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolletti (Orientadora)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Silvane Aparecida de Freitas  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Participação por videoconferência

---

Profa. Dra. Adriana Aparecida Pinto  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - Participação por videoconferência

## AGRADECIMENTOS

Á Deus, por me acompanhar nesse trabalho, minha eterna gratidão.

Á minha família: por seu apoio e carinho.

Á minha querida e estimada orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti, pela paciência e acolhimento como orientadora, pelas exigências, pelas cobranças, pela sabedoria e capacidade em direcionar o seu trabalho respeitando os passos e limitações de seus orientandos que são realizados em diferentes ritmos e pelas excelentes contribuições que foram e serão relevantes para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS, Unidade de Paranaíba/MS. Agradeço especialmente os professores Ademilson Batista Paes, Carlos

Eduardo França, Maria José de Jesus Alves Cordeiro, Diogo da Silva Roiz, José Antônio de Souza, Tânia Regina Zimmermann, pelos ensinamentos compartilhados por meio das disciplinas que lecionaram.

A minha queridas amigas e incentivadoras: Cleusa Rosa de Oliveira e Lucinéia Silva Freitas, minha gratidão eterna.

Aos meus companheiros de Mestrado na Universidade Estadual do Mato grosso do Sul. Unidade de Paranaíba M/S. Turma 2020/2023: Adriana Carlos, Cleusa Rosa de Oliveira, Thiago Henrique Muniz Morilha e, Mirian Roberta Fernandes: muito obrigada por cada segundo... pela generosidade, pela colaboração, pelas orientações, pela paciência.

A todos, obrigada por tudo.

## HINO DE ENTRADA

Que formoso e belo dia!  
Tudo o prazer anuncia. . .  
Pelas orlas dos caminhos  
Soa a música dos ninhos. . .

Desde a manhã muito cedo,  
De coração terno e ledó,  
Vamos aos nossos labores;  
Deles teremos as flores.

Zalina Rolim (*REVISTA JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 164).

## RESUMO

Nesta investigação apresentam-se os resultados da pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa História, Sociedade e Educação. O objetivo foi pesquisar as contribuições dos textos de Zalina Rolim (1869-1961) na educação de crianças paulistas, por meio do estudo sobre as produções de sua autoria publicadas na *Revista do Jardim da Infância* entre 1896 e 1897. Seus textos pedagógicos tiveram a merecida importância a partir de suas narrações nas aulas de linguagem, bem como suas atividades realizadas por intermédio de versos ritmados e musicalizados. O contexto vivido no período de suas obras e textos reflete uma política nacional que desejou fazer diferença na educação das crianças e fazer delas cidadãos de bem, sendo a criança um ser cultural e passivo das mudanças que ocorriam no decorrer da história. Ademais, descrevemos toda a trajetória e vida da poetisa Zalina Rolim e suas contribuições para a educação na infância. Optou-se pela metodologia bibliográfica e analisamos documentos, periódicos, jornais e revistas da época com a finalidade de constatar as contribuições dos textos publicados na *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897). A investigação apontou que a linguagem e a musicalidade usadas nos versos escritos por Zalina Rolim colaboraram com o ser em desenvolvimento, na construção do ser social e cultural na educação da infância. A partir dos estudos e análises dos textos publicados na revista, compreendeu-se que suas produções foram relevantes para o desenvolvimento pleno da criança, contribuindo para a formação do homem ideal para o país, civilizando-o para que se tornasse um futuro cidadão brasileiro exemplar. A revista é um exemplo e parte desse cenário que insere a criança na escola e cuida do seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** História da educação; Zalina Rolim; *Revista do Jardim da Infância*; Educação da infância.

## ABSTRACT

This investigation presents the results of the master's research in Education developed with the Post-graduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), Unit of Paranaíba, in the research line History, Society and Education. The objective was to research the contributions of the texts of Zalina Rolim (1869-1961) in the education of children from São Paulo through the study of her productions published in the *Revista do Jardim da Infância* between 1896 and 1897. Her pedagogical texts were important from her narrations in language classes and her activities carried out through rhythmic and musicalized verses. The context experienced in the period of his works and texts reflects a national policy that wished to make a difference in the education of children and make them good citizens, the child being a cultural and passive being of the changes that occurred in the course of history. In addition, we describe the entire trajectory and life of the poet Zalina Rolim and her contributions to childhood education. We opted for the bibliographic methodology and analyzed documents, periodicals, newspapers, and magazines of that period in order to verify the contributions of the texts published in the *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897). The research pointed out that the language and musicality used in the verses written by Zalina Rolim collaborated with the developing being in the construction of the social and cultural being in childhood education. From the studies and analyses of the texts published in the journal, it was understood that her productions were relevant to the child's full development, contributing to the formation of the ideal citizen for the country and civilizing him/her to become a future exemplary Brazilian citizen. The periodical is an example and part of this scenario that inserts the child in school and takes care of his/her development.

**Keywords:** history of education; Zalina Rolim; *Revista do Jardim da Infância*; childhood education.

## LISTA DE FIGURAS

|             |   |    |
|-------------|---|----|
| Figura 1 –  | Zalina Rolim.....   | 25 |
| Figura 2 –  | Primeira matriz de Botucatu, de 1846, situada no atual Largo do Paratodos, onde Maria Zalina Rolim foi batizada ..... | 27 |
| Figura 3 –  | Prédio da Escola Normal da Capital (1894).....  | 36 |
| Figura 4 –  | Jardim da Infância Caetano de Campos (1901-1910) .....  | 38 |
| Figura 5 –  | Decreto sobre a nomeação de Zalina Rolim.....   | 44 |
| Figura 6 –  | Manuscrito de Eponina Veiga Asevedo .....   | 45 |
| Figura 7 –  | Capa da <i>Revista do Jardim da Infância</i> (1896).....  | 47 |
| Figura 8 –  | Lista de livros ingleses existentes no Jardim da Infância.....  | 49 |
| Figura 9 –  | Capa da <i>Revista do Jardim da Infância</i> (1897).....  | 51 |
| Figura 10 – | Notícia sobre o Jardim da Infância de São Paulo.....  | 57 |

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 – A autoria de Zalina Rolim, <i>Revista do Jardim da Infância</i> (1896).....                         | 54 |
| Quadro 2 – Traduções de Zalina Rolim, <i>Revista do Jardim da Infância</i> (1896) .....                        | 55 |
| Quadro 3 – A autoria de Zalina Rolim, <i>Revista do Jardim da Infância</i> (1897).....                         | 55 |
| Quadro 4 – Traduções de Zalina Rolim, <i>Revista do Jardim da Infância</i> (1897) .....                        | 56 |
| Quadro 5 – Temas das conversações infantis de cada período para as aulas de <i>linguagem</i> ..                | 59 |
| Quadro 6 – Versos adaptados por Zalina Rolim presentes na <i>Revista do Jardim da Infância</i><br>(1896) ..... | 67 |
| Quadro 7 – Versos adaptados por Zalina Rolim presentes na <i>Revista do Jardim da Infância</i><br>(1897) ..... | 69 |

## SUMÁRIO

|              |   |                                      |
|--------------|---|--------------------------------------|
|              | <b>APRESENTAÇÃO .....</b>   | <b>10</b>                            |
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>13</b>                            |
| <b>2</b>     | <b>ZALINA ROLIM E A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX NO BRASIL .....</b>                    | <b>21</b>                            |
| <b>2.1</b>   | <b>Caminhos da educação oitocentista .....</b>                                    | <b>21</b>                            |
| <b>2.2</b>   | <b>Educação feminina e Zalina Rolim .....</b>                                     | <b>24</b>                            |
| <b>2.3</b>   | <b>Aspectos do trabalho e obras de Zalina Rolim .....</b>                         | <b>25</b>                            |
| <b>3</b>     | <b>ZALINA ROLIM NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA .....</b>                     | <b>31</b>                            |
| <b>3.1</b>   | <b>Propostas pedagógicas de Fröebel.....</b>                                      | <b>31</b>                            |
| <b>3.2</b>   | <b>Escola Normal de São Paulo e a criação do Jardim da Infância anexo.....</b>    | <b>35</b>                            |
| <b>3.3</b>   | <b>A atuação de Zalina Rolim no Jardim da Infância .....</b>                      | <b>40</b>                            |
| <b>4</b>     | <b>ZALINA ROLIM E AS PUBLICAÇÕES NA <i>REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA</i>.....</b> | <b>46</b>                            |
| <b>4.1</b>   | <b><i>A Revista do Jardim da Infância</i> .....</b>                               | <b>46</b>                            |
| <b>4.2</b>   | <b>Os textos de autoria de Zalina Rolim.....</b>                                  | <b>54</b>                            |
| <b>4.2.1</b> | <b><i>Zalina e a arte de narrar uma história</i>.....</b>                         | <b>58</b>                            |
| <b>5</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>73</b>                            |
|              | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |

## APRESENTAÇÃO

Ando devagar porque já tive pressa

E levo esse sorriso

Porque já chorei demais

Hoje já me sinto mais forte

Mais feliz quem sabe

Só levo a certeza

De que que muito sei

Ou nada sei[..]

Almir Sater/Renato Teixeira

Por meio de um trecho da música de Almir Sater (1990), descrevo aqui um pouco da minha infância, por sinal muito sofrida e com marcas profundas e também minha trajetória pessoal para chegar até o Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Nasci em Santa Fé do Sul/SP, filha única, criada pela avó e avô materno, mas sempre fui muito dedicada aos estudos, embora as condições na época do fundamental eram restritas para mim. Vivia com meus avós porque meus pais separaram quando eu ainda tinha quatro anos e para que minha mãe pudesse me sustentar, passeia morar com meus avós para que ela pudesse trabalhar como enfermeira no hospital. Meu avô bebia muito, por muitas vezes para não sermos agredidos, eu, avó e tio, ficávamos do lado de fora até de madrugada para depois entrar para dentro da casa. Talvez seja um dos fatores por eu ter casado aos quatorze anos e abandonado os estudos. Com o casamento precoce desisti de estudar, interrompendo na oitava série do fundamental, e vindo a terminar quatro anos depois. Terminando a oitava série, ingressei no magistério, Habilitação Específica para o Magistério (antigo 2º grau) para formação de professores para lecionar nas séries iniciais, começando ali a realizar a vontade de lecionar. Para estudar, no período vespertino, deixava meus dois filhos na casa da sogra. Assim que terminei o magistério, com duração de quatro anos também, passei a lecionar para Jovens e Adultos, no período vespertino também. Assim em 2006 com 41 anos, ingressei no curso de Pedagogia nas Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP, hoje Centro Universitário de Santa Fé do Sul (UNIFUNEC), era bolsista com 50% do valor nas mensalidades, ´pois eu e meu filho

fazíamos faculdades na mesma instituição e assim terminei o curso em 2009. No ano de 2010, fiz especialização em Psicopedagogia Nas Faculdades Integradas de Paranaíba, M/S. e no ano 2013 fui convocada a assumir o concurso público municipal para professora de Educação Infantil e Fundamental do 1º aos 5º anos na cidade de Santa Fé do Sul/SP. Desde então atuei na sala de aula para alunos de seis anos e faz três anos que estou na Educação Infantil atuando na direção.

O interesse por livros sempre esteve presente em minha vida seja nas histórias que minha avó contava, mesmo com pouca leitura ou nas brincadeiras na escola, nos contos de fadas representados em teatros e, assim, a literatura sempre me inspirava a conhecer novas leituras. Lembro-me de que ainda estava no ensino fundamental (antigo 1º grau) na EM Prof.<sup>a</sup> Marina de Oliveira e fui ganhadora de um concurso no qual deveria escrever o hino nacional sem erros; um amigo e eu ganhamos e dividimos o prêmio, que era em dinheiro.

Assim sendo, com toda essa trajetória de estudos eu sempre almejava ampliar os estudos e queria muito cursar o mestrado, mas as condições eram remotas de pagar um. Com dicas e incentivo de amigas comecei a elaborar um projeto para tentar conseguir uma vaga em uma universidade estadual. Foram várias tentativas, mas não consegui de imediato. Em 2018 consegui ingressar com aluna especial na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba M/S, o que me ajudou muito a conhecer pessoas, professores e decidir realmente que caminho seguir.

. Após aquele semestre, tentei por três vezes entrar como aluna regular do mestrado, mas somente no segundo semestre de 2020 consegui conquistar a vaga e começar meus estudos e pesquisas. Porém, em virtude da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (Covid-19), as aulas iniciaram-se de forma remota e assim depois de todo o processo realizado para ingressar no mestrado, consegui ingressar e começar os estudos na Unidade de Paranaíba por meio remoto.

A princípio, escolhi um tema voltado sobre a história de uma escola na cidade onde resido e trabalho, mas depois das primeiras aulas no mestrado e de algumas sessões de orientações, decidimos, eu e minha orientadora, Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolletti, mudar o tema e pesquisar sobre a poetisa Zelina Rolim. Depois de todo o processo realizado para a escolha do tema da pesquisa, iniciei as pesquisas e estudos sobre o tema. Minha escolha para a metodologia a ser usada foi a bibliográfica, pois se tratava de uma poetisa do século XIX. As pesquisas se deram na maioria por meio de periódicos, trabalhos acadêmicos, livros de biografia sobre a autora, porque o momento não permitia visitas em locais públicos

ou não por conta da pandemia (COVID 19). Pesquisas iniciadas, foram então sendo cumpridos os créditos e publicações necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

No mestrado cursei as disciplinas: (Obrigatórias) Seminário de Pesquisa em História; Sociedade e Educação; (Eletivas): Educação e Diversidade Étnico-racial de Gênero e Sexualidade, Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação e Educação Pesquisas em História da Educação, Arquivos e Fontes; Fundamentos da Pesquisa em História da Educação; Tópicos em Linguagem, Educação e Cultura. Tive publicado os seguintes trabalhos: Zalina Rolim (1893-1961), em Evento: XIII Seminário de Educação e VIII Colóquio de Pesquisa: Pensamento de Paulo freire para educação versus projetos de Brasil na atualidade: o que defendemos? (2022); e em artigo na *Revista Dialética*: Os desafios e dificuldades durante a pandemia (COVID 19): Caminhos e dificuldades encontradas para o desenvolvimento da dissertação de mestrado (2023). Os encontros das disciplinas e sessões de orientações eram sempre realizados pelo Google Meet devido o momento de pandemia que estávamos vivendo, mesmo com a dificuldade por sistema remoto, consegui desenvolver a pesquisa e com a ajuda e orientações de minha orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dra. Estela Mantovani Bertolotti, consegui avançar nos estudos e tudo correu muito bem, embora considero que o tempo de mestrado é pouco, acho que deveria ser mais tempo, dois anos é um tempo curto para leituras e pesquisas. Estou maravilhada com essa faculdade, com a dedicação dos funcionários e professores, pessoal com extremamente responsabilidade e comprometido com o trabalho. Minha qualificação se deu no dia em 24 de novembro de 2022, a banca com suas orientações foi de suma importância para o desenvolvimento da dissertação. E no dia 01 de setembro de 2023, aconteceu a minha defesa e toda a contribuição para minha conclusão da dissertação, no qual contribuiu muito para o desenvolvimento da pesquisa, aprimorou meu lado de pesquisador e meu lado como profissional da educação.

Aqui deixo minha eterna gratidão todos que contribuíram para este dia, para meu lado pessoal e profissional.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”

Paulo Freire

## 1 INTRODUÇÃO

Em relação a Literatura Infantil no Brasil que se propaga a mais de um século, e que diversas pesquisas “estado da arte” tem em vista a falar e mapear sobre o assunto em si, segundo Magnani (1998), os acontecidos do final do século XIX nos leva a compreender que existiu e existe a apertada preocupação, escola e literatura, com o cuidado da estética e também didática dos livros infantis, assim tem crescido o número de indivíduos interessados em pesquisas sobre o assunto (OLIVEIRA, 2010).

Segundo Bertolletti (2012), desde o final do século XIX, a Literatura Infantil foi reconhecida no Brasil como caráter formador. De acordo com a autora,

[...] essa formação consistia, sobretudo, no preparo do homem futuro por meio do preparo da criança, por isso o gênero manteve estreita relação com a escola, seja por ser produzida e criticada por professores brasileiros; seja por ser produzida para atender a necessidades escolares e educativas, com finalidade de proporcionar ensino útil de modo agradável á criança; seja por submeter-se ao processo de escolarização de aprendizagem da leitura. (BERTOLETTI, 2012, p. 9).

Assim, vários setores da sociedade motivaram-se para uma definição da Literatura Infantil, almejando então uma “boa” Literatura Infantil. Um dos setores a ser amparado foi a formação de professores que foi respaldada pelo setor editorial, com a produção dos manuais de ensino, bem como o setor legislativo aprovando leis, com a preocupação de ensinar e preparar emocionalmente e mentalmente as crianças na infância.

Interessada por pesquisar as contribuições de Zalina Rolim na *Revista Jardim da Infância*, adquirei livros sobre sua biografia e optei também por pesquisas de periódicos por ser tratar de um momento de Pandemia (COVID 19), privando assim de encontros e pesquisas presenciais.

Para início das pesquisas busquei a seguinte problematização: quais foram as contribuições de Zalina Rolim na *Revista Jardim da Infância* (1896-1897).

Assim elaborei algumas questões:

- . Quem foi essa mulher que escreveu lindas poesias infantis?
- . Quem foi essa poetisa que brilhou num espaço que era destinado na maioria das vezes somente para pessoas do sexo masculino?
- . Quais foram suas publicações na *Revista Jardim da Infância*?
- . Quais foram suas contribuições para a construção do primeiro Jardim da Infância anexo á Escola Normal Caetano de Campos em São Paulo?

Refletindo sobre as questões e motivada pela pesquisa sobre as questões em foco, comecei a considerar alguns aspectos sobre a Literatura Infantil no Brasil, em especial as contribuições dessa poetisa, como ela foi formada, como contribuiu em meio a um tempo onde as mulheres tinham pouca chance de estudar e se manifestar sobre a cultura da época, o que transmitiam suas poesias? Partindo para a pesquisa em questão, foram analisadas as fontes de obras sobre sua biografia escrita por Piza (2008) e Dantas (1983), porém foram consultados também vários trabalhos escritos sobre a poetisa Zalina bem como periódicos encontrados na hemeroteca e outras fontes e informações que contribuíram para o progresso deste trabalho. Assim percebi a necessidade de consultar vários tipos de fontes, buscando e selecionando as publicações e contribuições de Zalina com a educação de crianças no Jardim da Infância.

Desse modo, levando em consideração que a pesquisa em si contribuirá para com a educação em geral e compreenderá aspectos da Literatura Infantil bem como a formação de professores da época e a contribuição da poetisa em questão na educação da infância no final do século XIX, assim, defini como objetivo da pesquisa: pesquisar as contribuições dos textos de Zalina Rolim na Educação de crianças paulistas, por meio do estudo sobre as produções de sua autoria publicadas na *Revista do Jardim da Infância* nos anos de 1896/1897, usando a metodologia bibliográfica para analisar documentos, periódicos, jornais e revistas da época, com a finalidade de mostrar as contribuições dos textos publicados na *Revista do Jardim da Infância*. Segundo Albuquerque Júnior e Santos (2013, p. 30),

[...] o passado não possui uma verdade fechada, mas está sujeito a permanente reelaboração de sua inteligibilidade a partir das questões que lhe são formuladas a partir das preocupações, das condições históricas do presente em que é interrogado, estudado, analisado, ensinado.

Desta maneira a história produzirá versões diferentes sobre o passado, trazendo novas versões, novas abordagens, novas expectativas e novas transformações. A história nos ensina a prestar atenção no outro, a avaliar nossa distância e nossa diferença em relação a ele, não para julgar ou para construir a hierarquia, mas para respeitá-las (ALBUQUERQUE JÚNIOR; SANTOS, 2013, p. 31).

Mediante as pesquisas sobre Zalina, o trabalho dessa pesquisa mostrará suas contribuições por meio dos textos publicados na *Revista Jardim da Infância* são direcionados para total aprendizagem da criança em foco, com a preocupação de ensinar o amor, respeito, a família e amor a natureza. Zalina marcou a história da educação da infância e colocou em prática o objetivo de educar e civilizar por meio de suas produções, adaptações e traduções publicadas

na *Revista Jardim da Infância*, tinha como objetivo preparar futuros cidadãos com sua literatura e seus personagens de conduta.

Maria Zalina Rolim Xavier de Toledo nasceu no dia 20 de julho de 1869, na cidade de Botucatu/SP. Descendente de famílias importantes no cenário paulista, seus pais foram o Dr. José Rolim de Oliveira Aires e a Sra. Da. Maria Cândida do Amaral Rolim, e o casal teve quatro filhas. Zalina sempre estudou em sua própria casa, onde tinha aulas de português, francês, italiano e inglês com um professor particular, o educador João Köpke e, mais tarde, seu pai orientou seus estudos. Aos 13 anos ela começou a escrever seus primeiros versos. Em 1893, já em São Paulo, ela lançou seu primeiro livro de poesia, *O Coração*, editado em Itu/SP, em edição única e esgotada, que foi recebido carinhosamente pelos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro (PIZA, 2008). Em 1896, ano da morte de seu pai, Zalina foi nomeada auxiliar do Jardim de Infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo/SP. Ali ela trabalhou com crianças, contando histórias, recitando versos e fazendo adaptações de jogos cantados. Colaborou também nas traduções e produções originais para a *Revista do Jardim da Infância*. O segundo livro, *Livro das crianças*, foi publicado em 1897, constituído de poemas infantis; foi custeado pelo governo do estado de São Paulo e distribuído nas escolas públicas. Nos anos seguintes ela colaborou com: *A Mensageira*, revista literária dedicada à mulher; teve publicados versos em jornais e revistas de São Paulo, e Zalina ficou conhecida pela sua contribuição nas obras poéticas dedicadas às crianças.

Segundo Santos (2017), Zalina dava muita importância às aulas de linguagem, assim como a musicalização aplicada nos jogos e brinquedos por meio de versos ritmados. Kishimoto (1986) descreve Zalina como sendo uma professora habilidosa com as palavras “O maior acerto de Prestes em contratar a poetisa na equipe”.

Segundo o artigo “Os Anjos do Jardim – a imagem da mulher protetora na revista do Jardim da Infância”, Balduino (2006) mostra a relevante participação de Zalina Rolim, Rosina N. Soares e Teresa Couto Rodrigues ao traduzirem as obras de Fröebel, trabalhos estes publicados posteriormente na *Revista do Jardim da Infância*, que se destinava às professoras do Jardim.

A poetisa entrou para o campo cultural no século XIX. Na segunda metade desse século ocorreram grandes mudanças sociais e políticas: a escravidão foi abolida em 1888, e um ano depois foi proclamada a República. Devido à falta de mão de obra escrava, os fazendeiros precisavam de novos trabalhadores na produção das fazendas. Houve aí, portanto, uma mudança de trabalho escravo para trabalho livre (COSTA, 2010, p. 253). Segundo os historiadores Bruno (1984) e Costa (2010) comprovam, a partir de 1870, São Paulo foi marcada

por uma nova fase com diversos fatores que contribuíram para isso. O desenvolvimento se deu por meio das ferrovias ligando a capital ao porto de Santos/SP, acelerando, assim, os padrões tradicionais no período imperial. São Paulo foi a capital dos fazendeiros. Segundo Saes (2005), com a estrada de ferro, o movimento dos fazendeiros de uma fazenda a outra tornou-se mais rápido e, com isso, houve uma grande transformação no interior paulista.

De acordo com Costa (2010), com todas essas mudanças ocorrendo na cidade, novos ideais políticos foram surgindo e estavam ligados ao republicanismo. Com a ideia de romper de vez com o sistema monárquico do país, em especial, São Paulo e Rio de Janeiro fomentavam também mudanças políticas, e a educação paulista precisava, conseqüentemente, mudar.

[...] os Republicanos paulistas configuram uma arquitetura escolar caudatária do imaginário da época e promovem por meio de um discurso elaborado em estilo alto e idealizador, a construção de uma imagem de criança, subitamente valorizada e representada como herdeira da República recém-instalada (MONARCHA, 1999, p. 186).

Em decorrência de um cenário social significativo, as alterações na educação foram ocorrendo, bem como a Reforma da Instrução Pública em 1892. Com ela, aprimorava-se o sistema escolar e introduzia-se a ideia do Jardim de Infância. Hilsdorf (2007) afirma que se fazia necessária uma nova escola, ideal para todas as camadas sociais. Segundo a autora, os republicanos entendiam a transformação da educação como a salvação da sociedade brasileira, que prescreveria uma nova ordem.

Segundo Mortatti (2000, p. 22), nas últimas décadas do século XIX “[...] começam a se configurar disputas pela hegemonia de projetos para o ensino da leitura e da escrita em estreita relação com projetos políticos e sociais emergentes”, mobilizando, assim, as opiniões sobre métodos de alfabetização.

Com a reforma da instrução pública paulista em 1896, foi criado o primeiro Jardim de Infância, por meio do Decreto n.º 342, de 3 de março de 1896, para crianças de ambos os sexos maiores de três anos e menores de seis anos. Como foi o primeiro Jardim da Infância público criado no estado de São Paulo, era um complemento para a Escola Normal Modelo, que funcionava na Avenida Ipiranga, para depois, então, ganhar um novo prédio na Praça da República (DANTAS, 1983, p. 57).

O Jardim da Infância surgiu anexo à Escola Normal de São Paulo e seguiu os princípios do pedagogo e filósofo alemão Friedrich Wilhelm August Fröebel, criador do jardim de infância (*kindergarten*), em 28 de julho de 1840, na cidade de Blankenburgo, na Alemanha. Pestalozzi também foi referência para o Jardim da Infância paulista.

O jardim-de-infância, a mais bem-sucedida das instituições desponta como um contraponto às demais, tratado às vezes como se fosse o detentor exclusivo de uma concepção pedagógica. Fröebel, que abriu o primeiro kindergarten no alvorecer da década de 1840, em Blankenburgo, pretendia não apenas reformar a educação pré-escolar, mas por meio dela a estrutura familiar e os cuidados dedicados à infância, envolvendo a relação entre as esferas pública e privada (KUHLMANN JÚNIOR., 2001, p. 10).

Na dissertação elaborada por Aird (2015), “Jardim da Infância público anexo à Escola Normal da Praça: um estudo sobre gênero (1896-1926)”, o autor menciona Zalina como um peso importante e de destaque na educação da infância, conseguindo adaptar e musicar canções e brinquedos de Fröebel (AIRD, 2015, p. 76).

Com a história de São Paulo e da educação vários pesquisadores passaram a se dedicar ao estudo de escritores de livros e professoras das escolas primárias. Nomes de educadores, como João Köpke<sup>1</sup>, Gabriel Prestes<sup>2</sup> e Maria Ernestina Varella<sup>3</sup> destacaram-se com sua contribuição para a educação, bem como Zalina Rolim, que esteve junto a esses educadores de renome na educação paulista.

Os textos dessa escritora foram baseados nos princípios pedagógicos de Fröebel e, desta forma, com a criação do Jardim da Infância, João Köpke, sendo seu mestre, recomendou Zalina para as traduções e as partes poética e musical nos trabalhos do Jardim.

João Köpke, tendo sido mestre de Zalina quando o Juiz Rolim vivia em Araraquara, e que acompanhava a trajetória da produção poética de sua ex-aluna, escreveu a ela uma longa carta solicitando ajuda para a elaboração de textos adequados aos pequenos alunos. Fez muitas recomendações a Zalina sobre os princípios de Fröebel, de modo que ela se embebesse dos mesmos objetivos de toda a equipe que se organizava (PIZA, 2008, p. 37).

De acordo com Mortatti (1999), podem ser tomadas como fontes “[...] como portadoras de testemunhos de época, [...], e simultaneamente, como elaboração histórica resultante de escolha motivada pelo ponto de vista do pesquisador, que elege, dentre um conjunto disponível, determinados documentos como fonte de investigação”, textos diversos. Segundo a autora,

[...] o trabalho do pesquisador não se restringe à coleta e apresentação de documentos. Tampouco se deve reduzir o processo analítico a aspectos isolados da configuração

<sup>1</sup> João Köpke (1852-1926) foi um educador republicano, bacharel pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Difundiu o método analítico da leitura em conferências educacionais, publicou: Cartilhas n.º 1 e n.º 2, e atuou na abertura de escolas. Um estudo sobre João Köpke foi realizada na tese de doutorado de Panizzolo (2006).

<sup>2</sup> Gabriel Prestes foi deputado, educador e diretor da Escola Normal de São Paulo. Atuou intensamente para a abertura de um jardim da infância em São Paulo.

<sup>3</sup> Maria Ernestina Varella (?-1909), conhecida como Mimi, foi a primeira diretora do jardim da infância de São Paulo. Trabalhou de 1896 até 1909, ano de seu falecimento. Seu trabalho também é marcado pelas traduções para a Revista do Jardim da Infância.

textual dos documentos selecionados, como, por exemplo, aqueles constitutivos de sua “camada mais aparente” (o que e como ou aqueles que remetem a determinação do contexto histórico ou social (quando e onde) e suas marcas ideológicas (por quê e para que). [...] Os sentidos e as explicações históricas podem ser encontrados dentro do trabalho investigativo (MORTATTI, 1999, p. 74).

Passei, então, a dedicar-me às leituras e pesquisas com o fito de problematizar o tema “Zalina Rolim na educação da infância paulista” e analisar suas contribuições para a educação da infância. Com isso, elegi a *Revista do Jardim da Infância* como fonte e objeto de pesquisa, no trabalho de Zalina Rolim na Escola Normal Caetano de Campos por quatro anos, onde atuou como subinspetora no Jardim da Infância no anexo à Escola Normal. As análises consideraram de adaptações, traduções e produções originais da pedagogia, ficção e poesia para a *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897).

Zalina Rolim, como escritora, contribuiu para várias revistas e jornais, como *A Mensageira* e o *Correio Paulistano*. Teve publicado em 1897 seu segundo livro *O Livro das Crianças*.

Dantas (1983) descreve a cronologia de vida da poetisa Zalina, desde seu nascimento até a morte, relatando suas amizades, trabalhos e produções. Piza (2008) também relata sobre a vida da poetisa em sua obra biográfica e segue a linha de Dantas (1983). O autor ainda reserva uma parte de seu livro às críticas a respeito de sua obra e da poetisa.

No artigo “A formação virtuosa através da ilustração em *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim”, de Oliveira e Segabinazi (2015), são analisadas as imagens contidas no livro que descreve os valores da época.

No trabalho “As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em *Livro das Crianças*”, Oliveira (2017) investiga se houve de fato uma preocupação na estética em relação à sedução e o deleite destinado no *Livro das Crianças*.

No dicionário de autoras (es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil (séc. XIX, 2023, p. 926), segundo Santos e Panizzolo, Zalina Rolim destacou-se como pioneira da educação infantil. Teve importante papel na circulação de material do educador alemão Friedrich Fröebel e seu Kindergarten. A autora trouxe leveza e ritmo para as músicas, marchas, cantos e hinos por ela traduzidos e que contribuíram para a formação das jardineiras do primeiro Jardim da Infância de São Paulo. Apesar do curto período de inserção profissional, sua produção escrita imprimiu marcas na história da educação da infância brasileira.

Segundo a opinião da jornalista Cecília Prado (2013), Zalina brilhou na história da educação, com sua contribuição assídua na construção do primeiro Jardim da Infância de São

Paulo, mas decidiu aos 80 anos depois de uma entrevista dada a Prado, que não gostaria que sua história fosse publicada nos jornais, sua vontade foi respeitada.

Essa pesquisa se deu com a investigação da participação de Zalina Rolim na Escola Normal Caetano de Campos por meio da análise das publicações de seus textos na *Revista do Jardim da Infância*, volumes 1 e 2, publicada em 1896 e 1897, respectivamente, como contribuições da autora na história da educação da infância paulista no século XIX.

Com as seguintes questões: qual o percurso histórico de Zalina Rolim, como mulher e escritora, que a levou a contribuir com o Jardim da Infância na Escola Normal Caetano de Campos? Como foi a participação de Zalina Rolim no primeiro Jardim da Infância de São Paulo? Quais foram as publicações que se destacaram nos v. 1 e 2 da *Revista do Jardim da Infância*? Quais os textos de autoria de Zalina Rolim publicados na *Revista do Jardim da Infância* e de que forma colaboraram para a educação da infância paulista no final do século XIX?

A partir desta problematização e das questões, tracei os seguintes objetivos:

- Geral:
  - Contribuir para estudos e pesquisas sobre Zalina Rolim, no que diz respeito à contribuição para a educação da infância brasileira no final do século XIX, a partir da análise de seus textos publicados na *Revista do Jardim da Infância*, de 1896 a 1897.
- Específicos:
  - Compreender o percurso histórico da formação e trabalho da poetisa Zalina Rolim na educação em sua época;
  - Analisar o pensamento vigente sobre educação da infância no século XIX no qual os textos de Zalina Rolim se assentam;
  - Situar o Jardim da Infância no âmbito da Escola Normal Caetano de Campos e na atuação de Zalina Rolim;
  - Mapear e analisar as publicações de autoria de Zalina Rolim na *Revista do Jardim da Infância*, da Escola Normal Caetano de Campos, em 1896 e 1897.

Para o desenvolvimento do texto da dissertação que resultou da pesquisa, optei por dividi-lo em três capítulos, além desta introdução.

No primeiro capítulo apresenta-se todo o caminho percorrido por Zalina Rolim em sua carreira educacional, familiar e as primeiras formações de professores no Brasil sob a influência de ideias iluministas, a falta de instrução feminina que ainda era limitada e sofria pequenos avanços. Ademais, descreve-se a trajetória familiar da poetisa desde seu nascimento até sua morte.

No segundo capítulo apresentaremos os aspectos do método froebeliano e as propostas pedagógicas de Friedrich Fröbel (1792-1852), fundador do primeiro Jardim da Infância e idealizador na busca do amor, da afetividade e do amor à natureza. Também discorre-se sobre a criação e implantação do primeiro Jardim da Infância de São Paulo e a colaboração de Zalina com a educação na infância.

Por sua vez, o terceiro capítulo retratamos a formação das duas edições da *Revista do Jardim da Infância* com os principais textos de Zalina Rolim publicados na *Revista*, bem como seu trabalho como professora de linguagem e sua arte em contar e desenvolver as histórias para as crianças do Jardim da Infância.

Por fim, elencamos as considerações finais e indicamos as referências que embasaram esta pesquisa.

Segundo Severino (2007, p. 122), a pesquisa documental é desenvolvida com “[...] documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza, segundo Severino (2007), a partir do

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

A revisão bibliográfica sobre a trajetória do trabalho e as publicações da poetisa serviram para subsidiar a elaboração deste texto, bem como todos trabalhos encontrados que e que retratam o importante trabalho de Zalina Rolim como educadora e escritora. Jardim da Infância e seus textos publicados na *Revista Jardim da Infância* (1896-1897).

## **2 ZALINA ROLIM E A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX NO BRASIL**

Neste capítulo, apresentamos a trajetória educacional e familiar de Zalina Rolim, bem como o surgimento das primeiras iniciativas práticas para a formação de professores no Brasil com influência de ideias iluministas, nas quais a participação e instrução das mulheres era restrita e sofria pequenos avanços em relação ao acesso à educação para as mulheres.

### **2.1 Caminhos da educação oitocentista**

Diante da Independência do Brasil, em 1822, ocorreram transformações nos diversos setores brasileiros e na educação. Com a Constituição de 1823, foi defendida pela primeira vez uma educação popular, universal e uma possível criação da Universidade do Brasil. Tais ideias foram reforçadas na Constituição de 1824, garantindo, segundo Peres (2005), a “[...] instrução primária e gratuita a todos cidadãos (PERES, 2005) e confirmada na Lei de 15 de outubro de 1827, que determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e vilarejos. A primeira contribuição da Lei de 15 de outubro de 1827 foi a de determinar, no seu artigo 1º, que as Escolas de Primeiras Letras (associadas ao que atualmente tem-se como ensino fundamental - anos iniciais) deveriam ensinar, para os meninos, a leitura, a escrita, as quatro operações de cálculo e as noções mais gerais de geometria prática (PERES, 2005).

A partir de 1820, surgiram as primeiras iniciativas práticas para preparar os profissionais de ensino, com grande influência das ideias iluministas. Ao professor era dada a incumbência de dar “luz” do conhecimento ao aluno, buscando, assim, um conjunto de ideias para concretizar a popularização educacional e contribuir com o crescimento do país. Boto (1996, p. 21) leva em consideração que a partir do século XIX aconteceu uma intensificação do pensamento pedagógico e da preocupação com a atitude educativa. Para alguns filósofos e pensadores de movimentos franceses, o homem seria integralmente tributário do processo educativo a que se submetera.

Posto isso, a educação tomava forma por meio dessa perspectiva com atitudes que fariam as necessárias reformas sociais perante o signo do homem pedagogicamente reformado. Esse período mencionado pela valorização do curso normal, que no currículo apontava para os futuros mestres o conhecimento e a prática do método lancasteriano, também conhecido como ensino mútuo ou sistema monitorial, pregava, dentre outros princípios, que um estudante treinado ou mais adiantado (decurião) deveria ensinar um grupo de 10 discentes (decúria), sob a orientação e supervisão de um inspetor (NEVES, 2003; VILLELA, 1990).

Segundo Tanuri (1970, p. 79), algumas características comuns podiam ser observadas nas primeiras escolas normais instaladas no Brasil. Com uma organização didática simples, o curso normal apresentava um ou dois professores para todas as disciplinas e um curso de dois anos, ampliando, assim, até o fim do Império. Com um currículo bastante básico, permanecendo o nível e o conteúdo dos estudos primários, havia uma formação pedagógica rudimentar limitada a uma única disciplina (Pedagogia ou Métodos de Ensino) e de caráter essencialmente prescritivo. No que se refere ao prédio, à instalação e aos equipamentos da época, a situação era precária e, com isso, a frequência dos alunos era baixíssima nos cursos. Embora com diversos movimentos para que ingressassem nas cadeiras do ensino primário, muitas escolas foram fechadas por falta de estudantes ou por descontinuidade administrativa, e submetidas a constantes medidas de criação e extinção. Foi um período em que o curso normal era oferecido exclusivamente aos homens e posteriormente às mulheres, sendo que o currículo para elas era reduzido. No final do século XIX é que houve a unificação desse currículo para ambos os sexos (CASTRO, 2016).

Com o fracasso/ineficácia das leis educacionais, foi promulgado o Ato Institucional de 1834 (CASTANHA, 2006), que permitiu ao governo central que descentralizasse a responsabilidade de assegurar a educação elementar para todos, fato esse que comprometeu a política imperial de educação, causando um maior distanciamento entre as elites e as classes populares. Após a Proclamação da República, em 1889, por meio da proposta de Benjamin Constant, observa-se uma influência de princípios positivistas e um forte desejo de renovação pedagógica, pois havia até então um número reduzido de professores, sendo a maioria sem formação. Nesse período houve esforços solitários, como a reforma de Caetano de Campos (1890), que almejava formar docentes e propor reformas educacionais ajustadas à realidade brasileira, pois se inspiravam nos Estados Unidos e em países europeus (DELANEZE, 2007). Almejava-se a ideia de que professores fossem capacitados tal como naqueles países.

Dessa forma, houve diversas propostas de reformas educacionais buscando ajustar a realidade do Brasil às grandes transformações que ocorreram no século XIX, em meio ao cenário político e educacional. Em vista disso, nos caminhos referentes à educação, foram promulgadas leis que levavam a mudanças no seio educacional, buscando melhores condições para o sistema educacional. Com as transformações educacionais que aconteceram no século XIX, observa-se na transição do Brasil Imperial para Brasil Republicano que as alterações políticas contribuíram para mudar os rumos da educação.

Com isso, nos percursos da educação no Brasil e da formação de professores, passaram a tomar forma, no século XIX, e foram criadas algumas escolas para a formação do magistério, conhecidas como Escolas Normais.

Segundo Marcílio (2005, p. 160), São Paulo mudava de forma acelerada e o progresso exigia que o ensino melhorasse seus métodos para uma modernidade que se desejava, “[...] buscando ali uma forma de transformar o sistema de ensino que se apresentava em atraso”. Para Marcílio (2005, p. 160), a educação primária era para as autoridades e os intelectuais “[...] aquela que tiraria do analfabetismo, das trevas, da escuridão da ignorância” o cidadão comum. Por meio da República, as escolas foram ganhando forças também nos prédios especialmente construídos para instrução, uma vez que antes esse ensino acontecia em prédios e casas alugados. “O prédio surgia pela primeira vez, na paisagem urbana paulista [...]” (MARCÍLIO, 2005, p. 164).

Dessa maneira, Zalina Rolim foi se inserindo neste cenário educacional. Natural de Botucatu/SP, ela adentrou no campo da produção cultural no século XIX, com intensa atuação em São Paulo. Por meio de atividades de escritora, foi participando de diversos periódicos oitocentistas, como o *Correio Paulistano*, *A Mensageira* e o *Itapetininga*. Seu primeiro livro de poesias, *O Coração*, foi publicado em 1893, apresentando alguns versos para crianças.

Zalina foi subinspetora do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal Caetano de Campos, na capital paulista, durante quatro anos, de 1896 a 1900, e contribuiu com traduções, adaptações e produções originais de pedagogia, ficção e poesia para a *Revista do Jardim da Infância*. Em 1897, teve lançada a coletânea *Livro das Crianças*, promovida pelo governo de São Paulo e destinada às escolas públicas. A partir dessa publicação, Zalina Rolim tornou-se uma das pioneiras da poesia infantil brasileira no século XIX. Sua obra contemplada com 30 composições autorais é dividida em dois blocos: “A Sinhô” e “As Minhas Irmãs”. São versos que formam pequenas histórias aparentemente relacionadas ao ideário pedagógico da Primeira República brasileira (PIZA, 2008).

O educador João Köpke foi quem apresentou as propostas pedagógicas de Fröebel a Zalina Rolim e sugeriu que ela escrevesse as poesias do livro que ele estava organizando. Zalina então escreveu as poesias para o livro que seria composto em pranchas. O livro foi editado em Boston, nos Estados Unidos, com apenas uma ilustração por poesia e alguns significativos elementos visuais (PIZA, 2008). Dessa forma, Rolim foi uma representante da literatura infantil brasileira. Com seus versos, traduções e adaptações publicados nos periódicos da época, ela participou e contribuiu para a história da literatura infantil brasileira, deixando, assim, seu legado.

## 2.2 Educação feminina e Zalina Rolim

No século XIX, a educação feminina ficava a cargo da família; a mulher era considerada um sexo frágil, e passava a maior parte do seu tempo ocupando-se dos afazeres domésticos e da família. Segundo Freyre (2008), a mulher passava grande parte do tempo dentro de casa cuidando das necessidades do lar enquanto o homem passava a maior parte do dia na rua e na praça pública e em outros lugares públicos, numa situação parecida com a da Grécia antiga, “[...] era desonroso para o homem permanecer dentro de casa do que cuidar dos seus próprios negócios” (FREYRE, 2008). Portanto, sem uma vida sociável e sem direito a ela, as mulheres tinham que se comportar como verdadeiras mães de família, cuidando da casa e dos filhos. Dessa maneira, a sociedade determinava como deveriam ser, negando-lhes o acesso à educação e até mesmo ao mínimo da necessidade humana.

Como lhes faltava o poder político, não tinham acesso à educação, e sem educação jamais teriam poder político. É bem verdade que tanto as profeministas quanto aos viajantes mencionavam algumas mulheres notáveis, que conseguiam vencer os obstáculos que a sociedade lhes impunha, mas essas eram vistas como exceção que confirmava a regra (COSTA, 2010, p. 496).

Com a falta de leis que garantissem o direito dessas mulheres no século XIX, poucas tiveram a chance de estudar, e projetos em favor da educação feminina eram sempre rejeitados. Segundo Del Priore (1999, p. 8), “[...] as mulheres não apenas sobreviviam como também proporcionavam condições de vida afetiva e familiar para seu grupo”. A educação de mulheres era firmada em aprender a cozer, bordar, lavar, passar.

Mesmo assim, foi a partir dessa época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas. Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser as prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional (TELLES, 2004, p. 337).

Zalina Rolim nasceu em um tempo em que fora discutida a instrução feminina que sofria pequenos avanços. Sendo assim, a sociedade em que ela cresceu foi cenário para uma compreensão de toda sua trajetória intelectual e profissional.

### 2.3 Aspectos do trabalho e obras de Zalina Rolim

Maria Zalina Rolim é natural da cidade de Botucatu, como já mencionado. Nasceu em 20 de julho de 1869. Zalina só frequentou a escola por aproximadamente um ano, mas sua educação no lar foi de suma importância e contribuição por seu pai e por João Köpke. Seu pai, José Rolim, proporcionou-lhe tudo que pode em relação à educação das filhas, como: promoveu acesso a livros, encontros em saraus, ensinou outras línguas e, assim, proporcionou uma esmera educação no lar, sendo um eterno professor, e confiou Zalina aos cuidados do educador e escritor brasileiro João Köpke. “[...] o mestre apenas formalizou estes ensinamentos, que já vinham sendo ministrados pelo pai da menina. O Dr. José Rolim, homem erudito, colocava ao alcance de suas filhas o alimento intelectual e espiritual que as pudessem desenvolver plenamente” (PIZA, 2008, p. 26).

Figura 1 – Zalina Rolim



Fonte: Piza (2008, p. 52)

Desde menina, Zalina sempre gostou de escrever poesias, apresentando-se em saraus familiares. Foi na figura de seu pai que recebeu o amparo para ser uma mulher instruída e dar início a sua carreira literária (DANTAS, 1983). O pai sempre foi um incentivador dos sonhos

de Zalina, abrindo-lhe as portas do mundo literário quando ela passou a publicar poesias nos jornais da cidade natal e, conseqüentemente, no jornal da capital.

O pai, homem culto e esclarecido, encarou com boa-vontade e seriedade, e talvez até com desvanecimento, a vocação poética da filha, a ponto de pedir, para ela, conselhos literários de Ezequiel Freire — (1850-1891) —, poeta fluminense radicado em São Paulo, onde se bacharelou em Direito; fez jornalismo; exerceu o cargo de juiz municipal — mesma função de Dr. José Rolim de Oliveira Ayres — e se tornou professor, por concurso, da Faculdade de Direito. Revelou-se, nesta atitude, o Dr. Rolim de Oliveira Ayres, pessoa de visão elevada e superior, pois, inclusive, a vocação literária, nas mulheres, à época, provocava ataques e, até difamação. No entanto, ao em-vez-de dissuadir a filha para desistir da Poesia e das veleidades literárias, anima-a, e a dirige para orientação de pessoa experimentada na Arte e de sua particular confiança (DANTAS, 1983, p. 27).

Segundo Dantas (1983), romper as barreiras não foi uma tarefa fácil para as mulheres daquela época e, por isso, poucas se destacaram, mas Zalina abriu caminhos e se destacou em sua vocação literária, pois as mulheres que desejavam participar da vida pública não eram bem-vistas. Zalina Rolim era de uma família considerada entre os fundadores de Itapetininga/SP, a família Ayres, que era respeitada e possuidora de terras, plantações e criações de gado na região paulista. “Zalina Rolim descende de famílias importantes no cenário paulista: Rolim, Oliveira, Ayre, Amaral Gurgel, Ribas. A mãe da poetisa foi Da. Maria Cândida do Amaral Rolim, filha do Dr. José do Amaral Gurgel e Da. Clementina Ribas do Amaral, de Ponta Grossa, Estado do Paraná” (PIZA, 2008).

Em relação à família, seus pais, José Rolim Oliveira Ayres e Maria Cândida Amaral Gurgel, casaram-se em 8 de outubro de 1864, em Itapetininga, e logo no ano seguinte nasceu a primeira filha do casal, Clementina Rolim de Oliveira Ayres. Naquele mesmo ano, o juiz Rolim assumiu o cargo de juiz municipal de Botucatu, estabelecendo-se com sua família nesta cidade, com previsão de quatro anos subsequentes.

Botucatu, nessa época, era uma vila iletrada, que não recebia investimentos, e toda a educação das crianças acontecia de maneira iniciante nas escolas, porém fazendeiros não privavam suas famílias das condições das cidades grandes, nas quais professores eram contratados para residir e cuidar de seus filhos e filhas, ensinando-lhes línguas, matemática, português, ciências e música (PIZA, 2008, p. 22).

Em 20 de julho de 1867, nasceu a segunda filha do casal Rolim, Maria Zalina Rolim. Maria foi batizada na matriz local, aos 31 de agosto de 1868, por um tio paterno, Paulino Ayres Aguirre, de Itapetininga. A princípio, seu nome seria Maria do Rosário, nome de sua avó paterna, depois a intenção seria o nome Rosalina e, posteriormente, ficou Maria Zalina (PIZA, 2008).

Figura 2 – Primeira matriz de Botucatu, de 1846, situada no atual Largo do Paratodos, onde Maria Zalina Rolim foi batizada



Fonte: Piza (2008)

A terceira filha do casal, Cândida Rolim, nasceu em 15 de agosto de 1869, em Sorocaba/SP, na casa da avó materna dona Clementina, permanecendo algum tempo sob os cuidados da avó enquanto o juiz Dr. José Rolim permaneceu em Botucatu encerrando seus trabalhos. Por fim, o Dr. Rolim voltou a Itapetininga, deixando uma Botucatu diferente durante sua passagem como juiz na comarca. Já em Itapetininga, passou a exercer a advocacia e a administrar sua fazenda, participando também da política local. Em 4 de abril de 1871, nasceu Isaura Rolim, a quarta filha do casal. Suas quatro filhas passaram a infância na fazenda, apenas viajando a Sorocaba onde visitavam seus avós maternos (DANTAS, 1983, p. 26).

O juiz Rolim e sua família passaram a residir em Faxina (Itapeva/SP). Zalina, com oito anos, foi para a escola por apenas um ano, pois já tinha certo conhecimento por ter estudado com seu pai. A partir dos nove anos, ela passou a receber as aulas de seu preceptor João Köpke, que ministrava aulas de português, francês, italiano e inglês (PIZA, 2008).

Durante sua adolescência em Faxina (1876), Zalina se destacou nas letras, precisamente na poesia, por fazer leituras importantes com os melhores autores. Aos 13 anos ela já começava a produzir versos. Privou-se de professor de poética, mas realizava leituras com bons autores, sendo Victor Hugo um dos seus prediletos. Fez a leitura completa da obra desse autor, realizando também leituras de autores nacionais como Gonçalves Dias e Castro Alves, sempre estimulada pelo pai, que incentivou a jovem poetisa a publicar seus versos na imprensa de

Itapetininga. Zalina, aos 14 anos, mudou-se para Araraquara/SP, pois seu pai foi nomeado juiz de Direito na cidade. Residiram por um ano lá. A partir de 1886, Zalina passou a morar no Rio de Janeiro/RJ, com sua irmã Clementina, e seus pais passaram a residir em São Roque/SP por três anos, em virtude de sua nomeação como juiz de Direito, a partir de 1887. Nesse período, Zalina praticava seus dotes literários escrevendo contos e crônicas. Aos 19 anos passou a alfabetizar crianças e demonstrava seu talento em contar histórias (PIZA, 2008, p. 27).

Em São Roque, Zalina foi apresentada ao poeta Ezequiel Freire, que exercia a função de juiz municipal e havia se tornado professor por concurso na Faculdade de Direito de São Paulo. Tendo mostrado os versos de sua filha ao poeta, este publicou uma coluna literária intitulada “Lápis – Lazúli” no *Jornal Paulistano*, e a poesia “Hora Nostálgica”, escrita por Zalina. “Pai solícito, seguindo a sua árdua carreira nas ignaras localidades do interior, soube, entretanto, o Dr. Rolim Ayres transformar seu lar em profícua escola onde, conjuntamente com os sentimentos e as virtudes domésticas, prouve-se em cultivar o espírito de suas idolatradas filhas”. (FREIRE, 2008).

Zalina teve publicado no jornal *A Província de São Paulo*, em 14 de fevereiro de 1889, a poesia “Adormecida”, dedicando ao seu antigo mestre João Köpke. Ezequiel Freire, encantado com os poemas, apresentou a jovem a Narcisa Amália, poetisa, militante feminista e jornalista, abrindo as portas para Zalina Rolim para o mundo literário paulistano, com a publicação do soneto “Confissão” publicado por Narcisa Amália na primeira página do jornal *A Província de São Paulo*, em 17 de maio de 1889 (DANTAS, 1983).

Com a Proclamação da República em 1889, aconteceram transformações no estado de São Paulo e ideias da Europa passaram a ganhar espaço no Brasil e, conseqüentemente, a educação começou a sofrer mudanças. As literaturas femininas ganharam espaço na literatura brasileira e mulheres começaram a fazer parte das produções literárias. Caetano de Campos e Gabriel Prestes idealizaram vários planos para a Escola Normal; eles intencionavam criar quatro escolas normais para formar professores por todo o estado, mas isso não aconteceu, e sim apenas na capital de São Paulo (PIZA, 2008).

Zalina e sua família se mudaram para Itu/SP, por conta das funções do pai como juiz de Direito. Na cidade, a poetisa foi convidada a escrever nos jornais locais e, com isso, divulgava seus poemas. Quase no final de 1890, seu livro *O Coração* estava quase pronto. Nele, ela reuniu 36 de seus poemas e quatro historietas infantis, além de manter publicações em jornais periodicamente, como artigos, trovas, poemas e crônicas. Entre os temas, prevaleciam a vida do campo, de pessoas simples, dos animais e da natureza, retratando a vida do interior (MARCÍLIO, 2005).

Em 1893, o Dr. José Rolim foi nomeado para Ministro do Tribunal de Justiça do Estado, e passou a residir em São Paulo com sua família. Já na capital paulista, Zalina Rolim participava frequentemente dos círculos literários, saraus e se mantinha na vida social a se apresentar e declamar sonetos na sociedade paulistana, aparecendo entre poetas renomados, como Júlia Lopes de Almeida, Julia Cortines e Presciliana Duarte de Almeida. Com tamanho sucesso, Zalina foi convidada a escrever poesias para jornais e revistas literárias da época (PIZA, 2008, p. 33). Gabriel Prestes idealizava um projeto de Jardim da Infância baseado na Alemanha, nos Estados Unidos e na Itália. Esse projeto seguia um plano didático, mas também de como seriam as acomodações e adequações para o funcionamento das atividades infantis.

João Köpke, por ter sido mestre de Zalina em Araraquara, solicitou a ajuda da poetisa para adequar os textos para os pequenos alunos, fazendo muitas recomendações a ela sobre os princípios didáticos de Fröebel (o formador de crianças pequenas). Quando o material chegou ao Brasil, foi prontamente adaptado às crianças por Zalina que, de posse de cópias das pranchas ilustradas, escreveu. Dessa maneira, Zalina iniciava seus escritos em 1896 com *Livro das crianças*, criando poesias para o Jardim da Infância e para o início da alfabetização, sendo algumas de suas poesias preferidas pelas “jardineiras”, professoras do Jardim da Infância, como a poesia “Cetim”, publicada na obra de Arnaldo Barreto, em *Leituras Moraes*. Naquele mesmo ano seu pai se aposentou e veio a falecer.

Nomeada em 1897 pela auxiliar da diretora do Jardim da Infância como subinspetora dessa instituição que se iniciava, tendo como diretor Gabriel Prestes, a poetisa Zalina só não galgou o cargo de direção por não possuir diploma de professora (PIZA, 2008).

Segundo Pizza (1898), Zalina se dedicou durante quatro anos à organização do Jardim da Infância, marcando, assim, uma história da cultura e da educação em São Paulo. Em 1898 a poetisa participou da revista feminina *A Mensageira*, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida e outras escritoras da época. No mesmo ano, em outubro, deu-se o falecimento de sua mãe, Maria Cândida Amaral Gurgel.

Em 12 de março de 1900, Zalina se casou com Dr. José Xavier de Toledo, promotor da capital, e deixou as aulas do Jardim da Infância, afastando-se das atividades de ensino, deixando originais literários que vieram a servir para muitos pedagogos em suas publicações. Desta união, a poetisa Zalina teve um filho que faleceu ao nascer (PIZA, 2008). Suas obras tiveram o poder de cativar e abranger às crianças com uma riqueza e delicadeza ao falar de amor, família e compaixão pelos animais e pela natureza. No *Livro da Saudade* (1903) a poetisa retrata o sentimento de perda de um ente querido.

Zalina Rolim foi sempre lembrada e convidada a frequentar a sociedade paulistana, fazendo de maneira discreta quando solicitada. Quando foi convidada, em 1909, a compor o primeiro corpo de acadêmicos da Academia Paulista de Letras, desviou-se do convite. Por ocasião do falecimento de seu esposo, em 15 de dezembro de 1918, depois de compor versos dedicados a ele, Zalina afastou-se das letras e da sociedade, recolhendo-se do convívio social.

Zalina foi lembrada em 1954 durante os festejos do cinquentenário do Jardim da Infância da Escola Normal Caetano de Campos (PIZZA, 1944, p. 42), pelo Centro do Professorado Paulista (CPP). Ela foi homenageada como a “Professora do Centenário” e considerada um símbolo do professorado paulista, tendo suas poesias recitadas por várias gerações, e foi lembrada na vila Mariana, na Biblioteca “Zalina Rolim”. Recebeu homenagens póstumas em Itapetininga, com seu nome em uma rua da cidade e na biblioteca; em São Paulo, na vila Ede em Santana, há uma rua que recebeu o nome de Zalina Rolim.

Desde o falecimento de seus pais, sua irmã Cândida, solteira, sempre morou com Zalina, vindo a falecer em 28 de julho de 1957. Enfim, Zalina Rolim faleceu em 21 de junho de 1961 — um mês antes de completar 94 anos. Em 2008, Botucatu homenageou a poetisa com a criação de uma cadeira número 27 de patrona “Zalina Rolim” e ainda editou sua biografia completa, *Trajetória*, marcada por perdas dos entes próximos.

### 3 ZALINA ROLIM NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Neste capítulo, apresentamos os aspectos do pensamento de Friedrich Fröebel (1782-1852), bem como a criação do primeiro Jardim da Infância de São Paulo e a atuação de Zalina Rolim.

#### 3.1 Propostas pedagógicas de Fröebel

No decorrer do século XVI, com o surgimento de pensamentos pedagógicos e avanços científicos e tecnológicos da época, surgiram as primeiras escolas de crianças pequenas na Inglaterra, França e em outros países da Europa, objetivando ensinar a ler, escrever e ensinar princípios religiosos e morais. Havia nesse período uma forma diferente de atender às crianças pobres e ricas, não favorecendo os pobres e, quando atendidos, era de cunho caridoso.

Os séculos XVII e XVIII, que assistem a essas mudanças profundas na sociedade, constituem o período histórico em que a moderna ideia da infância se cristaliza definitivamente, assumindo um carácter distintivo e constituindo-se como reverenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento humano (SARMENTO, 2007, p. 28).

Segundo Oliveira (2011), foram criados na França, em 1826, os asilos infantis, cujo atendimento era direcionado aos cuidados, educação moral e intelectual de crianças de três a seis anos de idade. Era comum nas salas de asilo o agrupamento de até 100 crianças comandadas por um adulto usando um apito, ao passo em que as creches surgiram para atender às crianças até três anos.

O período histórico no qual Friedrich Fröebel (1782-1852), pedagogo<sup>4</sup> e pedagogista<sup>5</sup> alemão, fundador do primeiro Jardim da Infância, conhecido como o formador de crianças pequenas, aconteceu em meio à Revolução Industrial (1760-1840), na qual as mulheres foram, de alguma forma, introduzidas como mão de obra e tiveram a necessidade de confiar a alguém o cuidado de seus filhos. Como não havia muitas opções, eles ficavam aos cuidados das amas ou em asilos infantis. Em uma época de transformações da sociedade, os conflitos agrários e as guerras geradas por eles eram comuns e isso refletia nas condições sociais, atingindo, assim, às crianças.

---

<sup>4</sup> Profissional responsável por desenvolver processos de ensino-aprendizagem.

<sup>5</sup> Pessoa que trata de pedagogia: teórico ou especialista em pedagogia.

Em resposta a essa situação, foram-se organizando serviços de atendimento, coordenados por mulheres da comunidade, a crianças pequenas abandonadas por suas famílias ou cujos pais trabalhavam em fábricas, fundições e minas originadas da Revolução industrial, que se implementava na Europa ocidental (OLIVEIRA, 2011, p. 60).

De acordo com Kishimoto e Pinazza (2007), naquele período, a Alemanha passou por uma efetiva revolução cultural, interferindo diretamente nas produções filosóficas, literárias, artísticas e científicas, implicando uma intensa transformação teórica baseada no conceito alemão *Building*, considerado a ligação entre filosofia e educação. Em respeito à educação, havia duas perspectivas que permeavam a Europa no século XIX: a da burguesia, que entendia que por meio do processo educativo eles podiam moldar os indivíduos para o ideal próprio burguês; e aquela que vinha do povo, buscando autonomia política e intelectual por intermédio da educação. Dessa maneira, surgiu o projeto pedagógico de Fröebel, almejando capacitar indivíduos para a participação na sociedade, na política e na economia de uma forma crítica (KISHIMOTO; PINAZZA, 2007). Assim sendo, a adesão educacional para as crianças pequenas, sofreu um longo processo de construção. Kramer (2007, p. 14) afirma:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade.

Dessa forma, as ideias de Fröebel contribuíram para que se tivesse um olhar mais direcionado e de extrema importância para com a criança na sociedade, comprovando a relevância do estímulo desde a primeira infância.

O autor desenvolveu suas teorias baseadas na afetividade e no amor à natureza. Com isso, observou as ocupações infantis e, na busca por conhecimentos em diferentes áreas, chegou na definição de uma lei fundamental, conjunto de ideia de seu pensamento pedagógico: a unidade entre o homem, a natureza e Deus, designada como a lei da conexão interna (KISHIMOTO; PINAZZA, 2007).

A relação que existe entre a natureza e Deus se assemelha à que existe interna e espiritualmente entre uma obra bela e o artista que a executou; e, de um modo mais imperfeito, pode também ser comparada à relação que há entre qualquer produto humano e o autor que lhe deu forma. Tudo o que o espírito e a vida criam e produzem tem de refletir por força a vida e o espírito; há de levar, como um dom divino, os caminhos da mão criadora. Nada visível, nada perceptível pode existir que em si mesmo, não seja a expressão do espírito, da vida, do ser que a criou (FRÖEBEL, 2001, p. 98).

No ano de 1806, Fröebel encontrou pessoalmente o educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi, pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional, e conheceu melhor

o sistema pedagógico de Pestalozzi. Por dois anos, Fröebel observou seus métodos aplicados na escola-modelo de Frankfurt, na Alemanha, e o pedagogo observou algumas falhas no sistema de Pestalozzi, como: a falta de clareza e de sistematização do método, defendendo a necessidade de fundamentação científica associada à concepção pedagógica (KISSIMOTO; PINAZZA, 2007).

Segundo Kishimoto e Pinazza (2007), Fröebel achava que o estímulo educacional deveria ser estendido para crianças menores de seis anos. Posto isso, os dois educadores discordavam sobre a faixa etária no início da vida escolar dos pequenos. Em 1837, Fröebel criou o *kindergarten* (Jardim da Infância), nome esse utilizado por ele, acreditando que as crianças se assemelhavam a sementes e, para que se desenvolvessem plenamente, seriam necessários cuidados contínuos para seu crescimento. Fröebel achava que a formação e o desenvolvimento humanos se davam por meio do contato do mundo externo com o interno do ser humano. Ele entendia que deveria ser trabalhada a percepção no início do processo de aprendizagem como ponto de partida. “[...] o saber é algo que se desenvolve espontaneamente na prática” (ARCE, 2002, p. 43). Assim sendo, para ele, as atividades práticas são imprescindíveis durante o processo de aprendizagem, fazendo com que a criança compreenda de maneira espontânea e gradativa. Então, a partir do momento que acontecia o conhecimento, ela própria usava do que aprendeu para intervir para uso próprio ou do mundo a sua volta.

Quando os objetos do mundo exterior estão próximos da criança e em repouso, eles influenciam a criança a descansar; quando se movem e se distanciam, impulsionam-na a alcançá-los e a apoderar-se deles; quando enfim, se põem quietos, em lugar distante, convidam a quem queira aproximar-se a pôr-se também em movimento para conseguí-los (FRÖEBEL, 2001, p. 44).

Segundo Arce (2002), Fröebel considerava o indivíduo como um ser dinâmico, atribuindo conexão interna entre o ser humano e os objetos. Fröebel cita que o conhecimento se dá mediante combinação entre sentimento, motivação, imaginário e pensamento, estabelecendo uma relação entre o mundo externo e o indivíduo, lembrando que as brincadeiras e os jogos auxiliam no desenvolvimento da criança, e o lúdico ajuda a criança a construir seus conhecimentos. Ele também defendia a autoatividade como forma de aprendizagem, porque considerava a criança um ser pensante e criativo, porém pensava que o ato de brincar deve conter regras, para que essa liberdade não atrapalhe a outra.

Os jogos nessa idade, ocupações espontâneas da mesma, mostram uma tripla diferença: ou são imitações da vida e de seus fenômenos, ou são emprego do ensinado, da escola, ou são livres imagens e manifestações do espírito, de toda a espécie e em matéria de toda classe, segundo as leis contidas nos objetos e matérias do jogo investigando aquelas, seguindo-as e submetendo-os às mesmas, segundo as contidas

no homem mesmo, em seu pensamento e sentimento. Em todo o caso, os jogos nessa idade são ou devem ser o descobrimento da faculdade vital, do impulso da vida, produtos da plenitude da vida, da alegria de viver que existe nos meninos (FRÖEBEL, 2001, p. 206).

Fröebel acreditava que apesar do limitado conhecimento sobre psicologia de sua época, a criança passava por etapas de desenvolvimento. Em sua obra *A educação do homem* (1896), ele afirma que “Cada etapa servirá de base as seguintes... só um desenvolvimento em cada idade assegurando o desenvolvimento pleno na idade seguinte” (FRÖEBEL, 2011, p. 38). Segundo o autor, as crianças passam por diferentes estágios de capacidade de aprendizado e características específicas, antecipando, assim, as ideias de Jean Piaget (1896-1980). “Fröebel defendia a educação sem imposições às crianças porque, segundo sua teoria, elas passam por diferentes estágios de capacidade de aprendizado, com características específicas. Fröebel detectou três estágios: primeira infância, segunda infância e idade escolar (FERRARI, 2008, p. 39).

Por meio da família, a criança aprende de forma primária a educação e a linguagem, ao identificar de forma natural as partes do corpo por meio de brincadeiras e, segundo Fröebel (2011), a família dava pouca importância às fases da educação da infância antes da fase escolar, exigindo um comportamento adulto, negando a oportunidade de serem o que cada período exigia da criança. Com base nessas considerações, ele teve publicada uma obra, em 1844, de canções para a mãe que acalenta seu filho (*Mutter und koselirder*), auxiliando as mães a estimularem seus filhos por meio das brincadeiras e canções. Fröebel inovou no campo da educação infantil, preocupando-se com a formação das cuidadoras de crianças e criou a Escola de Treinamento para Cuidadoras de Crianças, em 1847. Ele não foi o primeiro a pensar na formação de cuidadoras de crianças, sendo Comenius o pioneiro, na visão de Coello (1991). Porém, Fröebel colocou em prática esse pensamento, destinando uma formação de educadores, diretores e auxiliares para atuarem no ensino infantil e no fundamental, dando ênfase ao brincar, organizando para que o pensamento fosse unificado (KISHIMOTO; PINAZZA, 2007).

Fröebel aspira desenvolver todo o ser da criança mediante processos escolares e o auxílio da família. Não menospreza o trabalho da educação formal nem o adestramento físico ou outro aspecto da cultura, mas insiste na aplicação do princípio da espontaneidade na educação física, mental e moral. Entende que o espiritual, o físico e o intelectual formam uma unidade relacionada internamente, em que cada um dos elementos afeta e é afetado pelos demais (KISHIMOTO, 1999, p. 158-159).

Conforme já apontado, a partir do final do século XIX, aconteciam as discussões da elite brasileira almejando uma sociedade moderna, e por influência americana e europeia se dava importância ao Jardim de Infância, quer dizer, ao conceito que Fröebel defendia e que conseguiu a aprovação de alguns setores sociais. Em solo brasileiro, o primeiro Jardim da Infância foi

fundado em 1875, por instituições privadas. Os jardins da infância públicos surgiram alguns anos depois, privilegiando as camadas sociais ricas, mas as práticas pedagógicas trabalhadas nessas instituições eram de origem froebeliana (KISHIMOTO, 1988).

Segundo Oliveira (2011), por meio da palestra Exposição Pedagógica (1885), semearam-se ideias erroneamente entendidas sobre o Jardim da Infância, comparando-o a asilos infantis franceses, encarregados de cuidar das crianças no início da escolarização, mas achavam que a criança poderia ser afastada do convívio familiar. Nesse cenário, surgiram as concepções a respeito da educação infantil, que resistem até os dias atuais, bem como a doutrina e a educação compensatória.

Com isso, Fröebel já mostrava que tais atividades, com jogos e brincadeiras, podiam ser estímulos para a aprendizagem, afirmando que o brincar e o jogo são os mais puros e espirituais produtos dessa fase de crescimento humano — constituem o mais alto grau de desenvolvimento nesse período da infância (FRÖEBEL, 2011, p. 47). Destarte, as obras de Fröebel serviram como suporte para a criação do Jardim da Infância de São Paulo e foram posteriormente publicadas na *Revista do Jardim da Infância*.

### **3.2 Escola Normal de São Paulo e a criação do Jardim da Infância anexo**

Dentre as mudanças que aconteceram no estado de São Paulo na última década do século XIX, a partir de 1890, segundo Kishimoto (1988), ocorreu a reforma da instrução pública paulista concebida por Rangel Pestana<sup>6</sup>. O escolhido pelo Partido Republicano Paulista (PRP) foi Rangel Pestana, para elaborar a proposta educativa desse partido, pois, conforme Kishimoto (1988), seria a única forma de a educação mudar as maneiras sociais, concretizando por meio da escola essas mudanças. Pestana desenvolveu o projeto de reforma da Escola Normal Modelo ligada à Escola Normal de São Paulo, sendo possível a instalação do primeiro Jardim da Infância público de São Paulo em 1896.

Em 1890, quando foi criada a Escola Modelo anexa à Escola Normal, classes primárias e com a finalidade de atender aos estágios dos normalistas foram instaladas buscando proporcionar uma melhor formação dos professores para criar um modelo para outros grupos escolares.

A partir do projeto criado por Pestana e efetivado por Caetano de Campos, criava-se, então, o Jardim de Infância, com atendimento a crianças de quatro a seis anos de idade e

---

<sup>6</sup> Jornalista, político e jurista brasileiro com grande participação no Partido Republicano e realizada por Antônio Caetano de Campos (médico, e educador brasileiro) ao longo da administração de Prudente de Moraes.

impulsionados no modelo do *kindergarten*, desenvolvido por Fröebel (1782-1852). Todavia, só foi criado oficialmente em 3 de março de 1896 o primeiro Jardim da Infância de São Paulo, por meio do Decreto n.º 342, na gestão do Presidente Bernardino de Campos, do secretário de negócios do interior.

A palavra Kindergarten (Jardim da Infância) foi adotada por Fröebel, no século passado, para designar instituições correspondentes ao tipo francês da escola normal, abrangendo a educação e a assistência e destinando-se, de preferência à criança pobre. Os americanos distinguem geralmente a escola maternal do Jardim da Infância, entregando aquela as crianças de 2 a 3 anos e a este as crianças de 4 a 6 anos. A terminologia do Colégio Educação adotou esse exemplo. Contudo, o uso nosso é denominar Jardim da Infância a instituição que se preocupa exclusivamente com a educação froebeliana, reservando-se nome de escola maternal à que educa e presta assistência (KISHIMOTO, 1988)

Em 1894, inaugurava-se o edifício que seria a Escola Normal Caetano de Campos e ainda que o prédio do Jardim da Infância não estivesse lá, ele já estava nos planos do PRP e do deputado Gabriel Prestes, eleito em 1891, que almejava a construção desse projeto da escola (Decreto n.º 27, de 12 de março de 1890).

Figura 3 – Prédio da Escola Normal da Capital (1894)



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional

Dois anos depois, por meio do Decreto n.º. 342/1896, na gestão do Presidente do Estado, Bernardino de Campos, e pelo secretário do interior, Alfredo Pujol, no seu parágrafo único: “Fica criado um Jardim da Infância junto à Escola Normal da Capital, como preparo à Escola Modelo; revogadas as disposições em contrário”.

A inauguração do Jardim da Infância ocorreu em 18 de maio de 1896, instalado em um prédio alugado e antigo, na rua Ipiranga, no centro de São Paulo. Foram disponibilizadas 102 vagas para 300 candidatos inscritos (KISHIMOTO, 1988, p. 110). Por meio de uma seleção, as vagas foram destinadas às crianças das “melhores famílias paulistas” (POLIANTÉIA COMEMORATIVA, 1946, p. 61), dando início às aulas com aproximadamente 95 alunos.

O Jardim da Infância era uma escola destinada à elite, com funcionamento de meio período. Ao incluir o método froebeliano no Jardim da Caetano de Campos, Gabriel Prestes prometia uma educação mais adequada aos rebentos da elite paulista abandonada nas mãos dos governantes incapazes (KISHIMOTO, 1997, p. 128).

Gabriel Prestes tinha como finalidade a instalação de uma escola infantil e de atender a um grande número de crianças confiadas a governantas. Desse modo, desde a primeira turma de crianças, e por um longo tempo, essa instituição atendeu às “melhores famílias” paulistas. Bernardino de Campos foi presidente entre 1892-1896 e 1902-1904, matriculando seus dois filhos. Júlio de Mesquita, membro do PRP e deputado estadual, também matriculou seus filhos no Jardim da Infância, que após concluírem seus estudos foram continuá-los na Suíça e em Portugal. Ressalta-se que Francisco de Assis Peixoto Gomide também teve seu filho matriculado, bem como outros representantes do PRP. E assim foi o Jardim da Infância por muito tempo, com esse tipo de público escolar, reservando o privilégio para a elite, provocando polêmicas e discursos em relação à escolha das vagas (KISHIMOTO, 1988).

Em 1897, o Jardim da Infância foi transferido para edifício próprio incorporado à Escola Normal de São Paulo, sob a direção de Gabriel Prestes (KUHLMANM JÚNIOR, 1994, p. 63). Segundo Kuhlmanm Júnior (1994), o edifício se localizava nos fundos da Escola Normal de São Paulo completamente isolado, mas cercado por um enorme jardim com lugares para jogos: possuía uma área de 940 m<sup>2</sup>; bastante iluminado, continha quatro salas de aula e um vasto salão no centro para a realização de reuniões gerais e solenidades infantis. Também havia no lado externo desse espaço central quatro terraços triangulares com visibilidade para diferentes pontos da cidade de São Paulo, e existia um local onde era possível alojar pessoas em dias de festas e solenidades. Embaixo desse espaço do salão central estavam pintados a óleo os retratos de Fröebel, Pestalozzi, Rousseau e Mme. Charpentier<sup>7</sup>. Existiam quatro banheiros, sala de visitas, depósitos de materiais e gabinetes de trabalho, e mais dois pavilhões cobertos para lazer das crianças (MONARCHA, 1999).

---

<sup>7</sup> Pintura de Pierre – Auguste Renoir (1876 – 1877).

Figura 4 – Jardim da Infância Caetano de Campos (1901-1910)



Fonte: Gaensly (2023).

O Jardim da Infância era frequentado por aproximadamente 100 meninas e 100 meninos; as turmas eram divididas em três períodos, de acordo com a idade de quatro, cinco e seis anos em classes mistas; as aulas aconteciam das 11 às 15 horas, com intervalos e recreios. Kuhlmann Júnior (1994, p. 64) afirma que desde as primeiras turmas de alunos, e perdurando por um tempo, o Jardim ficou reservado apenas às crianças das “melhores famílias paulistas”. Com isso, definiu-se a estrutura elitista do Jardim da Infância da Escola Normal de São Paulo em seus primeiros anos de funcionamento. Mesmo sem um levantamento prévio de matrículas e da situação socioeconômica dos alunos, pode-se afirmar que as crianças da elite eram favorecidas para frequentarem a escola (KUHLMANN JÚNIOR, 1994).

No ano de inauguração do Jardim da Infância, em 1896, os alunos não tiveram uniformes, simplesmente um chapéu com a escrita “Jardim da Infância”, e somente em 1897 estavam previstos os aventais. Kuhlmann Jr. (1998) lembrou que em uma festa de comemoração dos 50 anos do Jardim da Infância, um ex-aluno seu, o dramaturgo Oduvaldo Viana Filho, lembrou do uniforme de camisa de quadradinhos e calça azul, e um chapéu de palha com abas largas, com uma fita escrita “Jardim da Infância”.

Ainda em 1896, Gabriel Prestes publicou a *Revista do Jardim da Infância*, na qual pretendia tornar conhecida a metodologia do sistema froebeliano, bem como contribuir para a

criação de outros jardins, públicos ou particulares (KUHLMANN JR., 1994). Foram publicadas duas edições da *Revista* (1896-1897). Para a implantação e elaboração das propostas havia uma equipe trabalhando em prol dela: a coordenação dos trabalhos na instalação do jardim ficou a cargo da inspetora (nome dado à função de diretora), Maria Ernestina Varella (18 de maio de 1896 a 1 de junho de 1909), tendo como auxiliares Zalina Rolim, como vice inspetora, e Regina Soares, inspetora da Escola Normal. Elas traduziram do alemão e do inglês obras transformadas em exercícios de linguagem, ginástica, brinquedos, cantos e hinos.

Zalina teve uma importante participação na adaptação de histórias, poesias e cânticos, de marcante a influência norte-americana. Gabriel Prestes trouxe o material froebeliano para que fosse adaptado, para que as professoras pudessem aplicar com as crianças e criar ideias para que elementos artísticos pudessem melhorar.

Com isso, Prestes também adaptou e traduziu, para ser publicado na *Revista do Jardim da Infância*, o livro *Paradise of Childhood*, de Edward Wiebé, contendo os princípios de Fröebel. Essa tradução recebeu o título de *Guia das Jardineiras*, publicada posteriormente em forma de livro. Por intermédio dos artigos de caráter metodológico inseridos nas duas edições da *Revista do Jardim da Infância* havia vários programas de atividades traduzidos de outros países. Por outro lado, Gabriel Prestes ressaltava às jardineiras (professoras da educação infantil) que não precisavam seguir tudo que continha nos artigos, pois poderia haver uma flexibilidade, mas na realidade nem tudo acontecia assim (KUHLMANN JÚNIOR, 1994).

A proposta pedagógica e as atividades empregadas no desenvolvimento da criança eram com materiais chamados de dons ou dádivas. São ao todo 20 dons, segundo a definição de Fröebel (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 220).

- 1- Seis bolas de borracha, cobertas com tecido de várias cores;
- 2- Esfera, cubo e cilindro de madeira;
- 3- Cubo dividido em oito cubozinhos;
- 4- Cubo dividido em oito partes oblongas;
- 5- Cubo divisível em metade ou quartas partes;
- 6- Cubo consistindo em partes oblongas, duplamente divididas;
- 7- Tabuazinhas quadradas e triangulares para compor figuras;
- 8- Varinhas para traçar figuras;
- 9- Anéis e meios para compor figuras;
- 10- Material para desenho;
- 11- Material para picagem;
- 12- Material para alinhavo;

- 13- Material para recortes de papel e combinações;
- 14- Material para tecelagem em papel;
- 15- Varetas entrelaçamento;
- 16- Réguas com dobradiças – goniógrafos;
- 17- Fitas para entrelaçamento;
- 18- Material para dobradura;
- 19- Material para construção com ervilhas; e
- 20- Material para modelagem.

Kishimoto (1988) afirma que, na teoria de Fröebel, os materiais de ensino ou os “dons”, como eram chamados, quando eram manipulados pelas crianças aprovavam a aquisição de vários tipos de conhecimentos transformados em formas reais: cozinha, mesa, cadeiras; formas ideais, números, linhas; formas simétricas, cultivar o belo, desenvolvimento de habilidades sensório-motoras, de observação e atenção etc.

Em cada dom existia um tipo de lição e o aluno deveria fazer uma de cada vez. Após apresentar o material, passava-se à lição. Com a organização da sala em roda, a jardineira realizava a estimulação com perguntas: Do que é feito isso? Para que serve isso? É pesado ou leve? Grande ou pequeno? Para que serve? A partir desse incentivo e da apresentação do material, eram trabalhados os conhecimentos em contas aritméticas, dobraduras, modelagens, tecidos, desenhos, mosaicos, tecelagens, entrelaçamentos etc. O objetivo com esses materiais era o de que com “dons” as crianças desenvolvessem aptidões, força, agilidade e rapidez (KUHLMANN JÚNIOR, 1988). Essa programação preparada por Maria Ernestina Varela, para ser desenvolvida com as crianças dos três períodos, manteve-se de 1896 a 1926.

O prédio do Jardim da Infância da Escola Normal de São Paulo foi demolido no início da década de 1940, pelo então prefeito Prestes Maia (1938-1945), dando lugar à Avenida São Luís. Conclui-se que alguns administradores municipais não hesitaram em passar por cima dos símbolos culturais e históricos (KUHLMANN JÚNIOR, 1988).

### **3.3 A atuação de Zalina Rolim no Jardim da Infância**

Se os intelectuais se unem em torno de um ideal, como nos propõe Sirinelli (2003), Zalina Rolim, unida a educadores, foi uma divulgadora da educação infantil e das propostas pedagógicas de Fröebel por meio da *Revista do Jardim da Infância*. Os educadores Gabriel Prestes, João Köpke, Maria Ernestina Varela, Joanna Grassi, Isabel Prado, dentre outros, fizeram parte da equipe que trabalhou com Zalina no Jardim da Infância. “Assim, nas funções

dentro do Jardim da Infância, Zalina despertou suas vocações, de maneira brilhante e fecunda, para a educação pré-primária” (DANTAS, 1983, p. 58).

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidades difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Segundo Bourdieu (2011), embora a história de vida de uma pessoa pareça simples, não é, ela é desigual, e isso pode levar o historiador a cair na “ilusão biográfica”, parecendo que tudo seja perfeito e sequencial. Diante disso, se pensarmos no meio familiar, social e no contexto histórico de Zalina Rolim, refletimos e acreditamos que os passos que ela seguiu, demandaram quebras de barreiras e preconceitos.

Em meados de 1893, o grupo se organizou e o Jardim da Infância foi inaugurado e o trabalho de Rolim com o Jardim da Infância trouxe-lhe muitos reconhecimentos: ela escreveu muitos versos autorais, adaptou os cantos, traduziu versos, todos com muita musicalidade. Horace Lane escreveu até uma carta a Gabriel Prestes, que foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Durante os sete anos do Jardim da Infância da Escola Americana, procuramos debalde achar alguém que, compenetrando-se do verdadeiro alcance de assumpto, pudesse converter essa bella litteratura das crianças, em um portuguez que não fôsse chocho e inglesado (LANE, 1897, p. 1).

Zalina Rolim, quando o ensino primário ronronava ainda na dureza férrea e enferrujada dos métodos educacionais de antanho, pôs o seu jovem coração a serviço de uma causa que ela somente alcançava e compreendia – o aformoseamento da alma infantil e o amanho maternal daqueles pequeninos cérebros que um dia haveriam de beber sofregamente o netar [sic] prodigioso do saber humano. Surgiu assim o primeiro Jardim da Infância, afetivo desdobramento do próprio lar, muitas vezes mais atencioso, mais alegre e mais feliz que muitos lares... Certamente que os circunspectos mestres-escolas da época terão sorrído daquela professorinha irrequieta e sonhadora que arrebanhava para a sua “escola de brinquedo” criaturinhas que melhor estariam longe dali, agarradas às saias maternas [...] (DANTAS, 1983, p. 59).

Segundo as palavras de Dantas (1983) e de Antônio D’Ávila, tem-se a impressão de que Zalina Rolim tinha em sua alma a vocação para a educação da infância.

Coube a essa bela e notável poetisa afeiçoar o espírito geométrico e rígido da didática froebeliana ao nosso meio e à feição da criança paulista, aos seus interesses, e capacidades. D. Zalina Rolim estudou ainda o problema da educação pré-primária, e a ela se deve, ainda hoje, orientações que a evolução natural dos métodos pedagógicos nem o tempo conseguiram desvalorizar. Pelo contrário, mais vieram consolidar o seu natural prestígio de educadora por vocação e poetisa por excelência da alma infantil brasileira (D’ÁVILA, 1972 apud DANTAS, 1983, p. 60).

Para a poetisa nascida em pleno século XIX, as oportunidades não eram as mesmas do que para os homens da época. Com toda desigualdade dos gêneros, a condição financeira e social da família da poetisa lhe proporcionou oportunidades diferentes das mulheres de sua época.

Pesquisar a vida e trajetória de Zalina é empenhar-se sobre uma história não linear, mas irregular, com diversas experiências vividas da poetisa, não como indivíduo isolado, e sim alguém que está no mercado e em expansão de oportunidades (SIRINELLI, 2003).

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidades difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (SIRINELLI, 2003, p. 248).

A história de Zalina aconteceu como em diversas cidades do interior de São Paulo. Percebe-se nas poesias que o campo foi sempre retratado com carinho. Ela não foi normalista, mas foi ensinada por um acadêmico, o Dr. José Rolim. Mudou-se para a capital em 1893, encontrando no local muitos estudantes com ideias novas para o país. A poetisa passou a conviver com pessoas que compartilhavam ideais republicanos, como Gabriel Prestes e João Köpke, compondo, assim, os primeiros republicanos reformistas de São Paulo. Esses grupos foram unidos a partir de regras que movem estes a lutar pelo mesmo ideal: a educação.

Zalina lecionou e trabalhou como auxiliar de inspetora no Jardim da Infância, escola fruto da ideia de Gabriel Prestes e uma contribuição esmerada de João Köpke na parte metodológica, contando também com a colaboração de Rosina Nogueira e Maria Ernestina Varella, que ajudaram na composição do Jardim da Infância. A participação dessas pessoas na organização do Jardim demonstrou o coletivo e a união para lutar a favor de uma melhor educação. A participação e o envolvimento da poetisa são evidentes junto aos intelectuais em prol dos mesmos ideais políticos. Zalina envolveu-se ativamente com pessoas intelectuais que estavam unidas com os mesmos propósitos, mobilizando a educação em um sentido amplo a favor das crianças.

Bourdieu (2007, p. 77-78) cita três tipos de capital cultural: institucionalidade, que são os diplomas; o capital cultural, que é uma acumulação de cultivar-se no modo de agir, pensar e não ser transferível; e, por fim, o objetivado, que se caracteriza na relação com o capital cultural incorporado. Zalina, sendo de família com boas condições financeiras, pode desfrutar de eventos e encontros da elite que recebiam em casa e isso foi de grande influência em sua

carreira. Segundo Bourdieu (2011, p. 36), quanto maior for o capital cultural da família, mais ela investe na educação. Por isso é possível afirmar que Zalina teve esse desenvolvimento intelectual e linguístico baseado na educação que recebeu dentro do seu lar.

Assim como a família foi importante para a trajetória da poetisa, sua relação com amigos poetas também foi. Seu envolvimento com intelectuais de renome foi extremamente importante e produziu sensibilidade (SIRINELLI, 2003, p. 252). Dessa maneira, envolvida com a literatura e com educação infantil, ela esteve relacionada com pessoas relevantes em sua vida profissional e literária. Logo após a publicação de seu livro de poesias, Zalina recebeu o convite de João Köpke para compor a organização do Jardim da Infância da capital paulista. O educador participava do projeto que seria pioneiro para a educação pública de São Paulo: a inauguração de uma escola infantil na capital. A criação do Jardim da Infância seguiu a teoria de Fröebel, que já estava realizando a implantação na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, no estado de São Paulo já aconteciam algumas implantações de escolas particulares no ensino infantil, só não havia instituições públicas voltadas para esse mesmo público em São Paulo.

João Köpke pertenceu a um grupo de intelectuais que, além de defender a reforma social pela reforma da educação, empreendia experiências de escolarização apropriando-se dos referenciais norte-americanos, tendo atuado incansavelmente na abertura e na manutenção de escolas, na difusão de práticas consideradas modernas e científicas, e, sobretudo, na definição e na criação de um novo campo pedagógico, alicerçado em um ensino científico, racional, leigo e seriado e em uma educação primária e secundária, popular e feminina (PANIZZOLO, 2011a, p. 79).

João Köpke desejava estruturar a educação infantil paulista, e juntamente com Gabriel Prestes e toda a equipe, incluindo Zalina, atuou na elaboração do trabalho pedagógico do Jardim da Infância. Sirinelli (2003, p. 248) afirma que

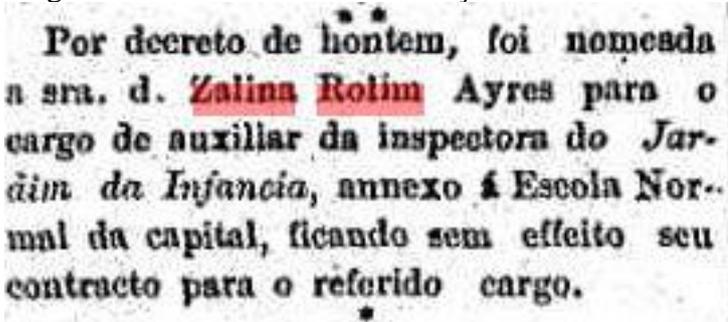
Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidades difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.

Assim foi nascendo a ideia do Jardim, com muitos apoiadores preocupados com a educação infantil e Zalina concordou em fazer parte desse grupo, e além de contribuir com suas poesias ajudou na implantação do primeiro Jardim da Infância de São Paulo. As traduções não foram feitas somente por Zalina, mas por Rosina Nogueira Soares, Maria Ernestina Varella e Gabriel Prestes. Porém, Zalina adaptou os versos e hinos, deixando-os prontos para a língua portuguesa, o que lhe rendeu muitos elogios de Gabriel Prestes.

[...] a parte literária, indispensável ao ensino froebelianos, e essa não poderia ser confiada a pessoa mais competente do que a ilustre poetisa d. Zalina Rolim, cujo espírito esclarecido e cuja extraordinária intuição de que tantas e tão eloquentes provas têm dado no ensino, deixam fora de dúvida que ela criará por si os elementos artísticos necessários ao nosso ensino infantil (LANE, 1897a, p. 1).

Presciliana Duarte de Almeida<sup>8</sup> fez muitos elogios às mulheres e, principalmente, à Zalina, na revista *A Mensageira*, entre 1897 e 1900. A poetisa foi apresentada como uma colaboradora da revista, com seus contos e poesias, e entre outras colaboradoras, estavam: Anália Franco<sup>9</sup>, Julia Lopes de Almeida<sup>10</sup> e Francisca Julia<sup>11</sup>. O manuscrito de Eponina Veiga Azevedo descreve a função de Zalina no Jardim da Infância e a função que cada um deveria exercer, e a única que não possuía formação como professora era Zalina Rolim. Os decretos de nomeação eram publicados em periódicos da época, como no jornal *O Estado de S. Paulo* (1896), com a nomeação de Zalina Rolim: “Por decreto de ontem, foi nomeada a sra. d. Zalina Rolim Ayres para o cargo de auxiliar da inspectora do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal da capital, ficando sem efeito seu contrato para o referido cargo” (*O ESTADO DE SÃO PAULO*, 1986. p. 1).

Figura 5 – Decreto sobre a nomeação de Zalina Rolim



Por decreto de hontem, foi nomeada a sra. d. **Zalina Rolim** Ayres para o cargo de auxiliar da inspectora do Jardim da Infancia, annexo á Escola Normal da capital, ficando sem effeito seu contracto para o referido cargo.

Fonte: Estadão (1896).

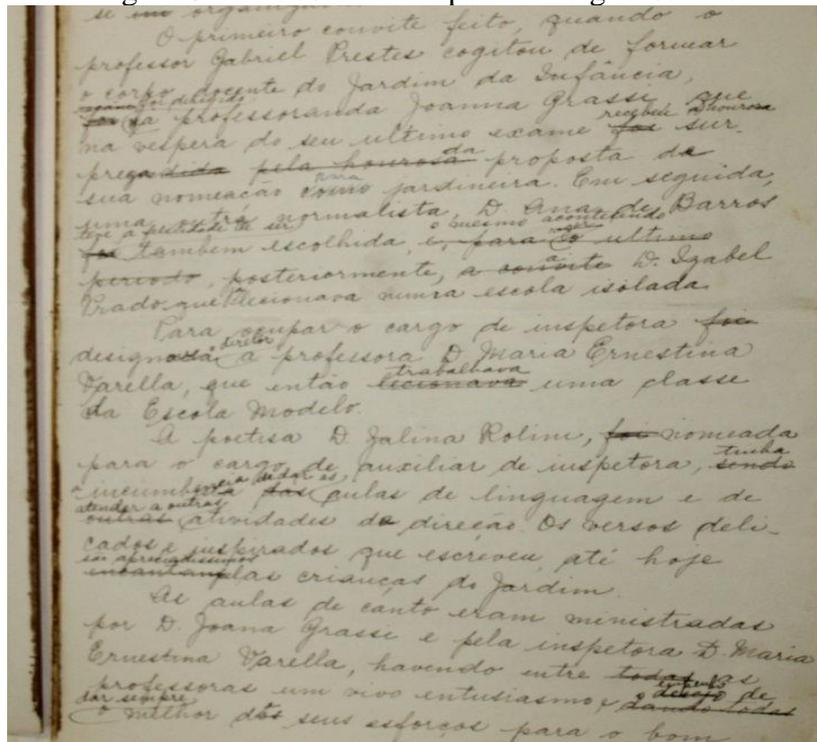
<sup>8</sup> Foi escritora e diretora da revista *A mensageira*. A revista foi tema de estudo de Leonora De Luca, intitulado “*A mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*”. Ela publicou duas obras literárias destinadas ao público infantil: *Páginas infantis* e *O livro das aves*.

<sup>9</sup> Zalina teve uma pequena participação na obra da educadora Anália Franco, *Álbum das meninas*. Seu periódico foi tema da dissertação de mestrado de Floriza Chagas, “*Álbum das meninas, revista literária e educativa dedicada as jovens brasileiras: um estudo do impresso de Anália Franco (1898-1901)*”.

<sup>10</sup> Julia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934) foi escritora e abolicionista. Ajudou a planejar a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL) e seu nome constava entre os 40 intelectuais que fundariam a ABL, porém foi excluída, pois os fundadores optaram por manter apenas homens na ABL. Escreveu romances, novelas e contos, teatro e livros infantis. Os mais conhecidos são: *Livro das Noivas*, *A família Medeiros* e *Histórias da Nossa Terra*.

<sup>11</sup> Francisca Júlia da Silva Münster (1871-1920) foi poetisa, escreveu para diversos periódicos, publicou *Mármore*, *Livro da infância* *Esfinge*, e outros livros. Foi homenageada por Victor Brecheret, que fez uma escultura da poetisa e chamou-a de Musa Impassível.

Figura 6 – Manuscrito de Eponina Veiga Asevedo



Fonte: AHECC, CREMC, SEESP<sup>12</sup>.

Zalina foi de grande importância para a criação do Jardim da Infância de São Paulo, e seu trabalho consistia em conduzir as crianças no canto, na conversação e nos exercícios de dicção. Suas lições e traduções foram publicadas na *Revista do Jardim da Infância*, v. 1 e 2, na revista que foi de grande utilidade para os envolvidos com a educação do Jardim da Infância e foi essencial para a ampliação dos métodos pedagógicos froebelianos. Ressalta-se que a sua contribuição foi além das traduções, pois a educadora colaborou também com produções originais, e uma de suas autorias foi a letra do hino do Jardim da Infância, criado exclusivamente para o Jardim da Infância de São Paulo.

<sup>12</sup> No original: O primeiro convite feito, quando o professor Gabriel Prestes cogitou de formar o corpo docente do Jardim da Infância foi dirigido a professoranda Joanna Grassi, que na véspera de seu último exame recebeu a honrosa surpresa da proposta da nomeação para jardineira. Em seguida, uma outra normalista, D. Ana de Barros teve a felicidade de ser também escolhida, o mesmo acontecendo, posteriormente, a D. Isabel Prado que já lecionava numa classe da Escola Modelo. A poetisa D. Zalina Rolim, nomeada para o cargo de auxiliar de inspetora, tinha a incumbência de dar as aulas de linguagem e de atender a outras atividades da direção. Os versos delicados e inspirados que escreveu até hoje são apreciadíssimos pelas crianças do Jardim. As aulas de canto eram ministradas por D. Joana Grassi e pela inspetora D. Maria Ernestina Varella, havendo entre todas as professoras um vivo entusiasmo e empenho de dar sempre o melhor dos seus esforços para o bom andamento da classe.

## 4 ZALINA ROLIM E AS PUBLICAÇÕES NA *REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*

Neste capítulo, apresento os dois volumes da *Revista do Jardim da Infância* e analiso os textos de autoria de Zalina Rolim que foram neles publicados.

### 4.1 A *Revista do Jardim da Infância*

Com o auxílio do governo do estado de São Paulo, foi iniciada, em 1896, a publicação da *Revista do Jardim da Infância*, cuja finalidade era tornar públicos os processos empregados nas instituições de ensino e, assim, agregar elementos artísticos que seriam necessários para a organização do ensino infantil usando o sistema froebeliano, e aperfeiçoando o sistema para que novas criações educacionais que viessem a surgir tivessem um suporte a seguir. A *Revista* era de cunho prático, não expressando vantagens ou desvantagens pedagógicas, e sim exemplos que poderiam servir para guiar a prática.

Com isso, as publicações da *Revista* não deviam ser seguidas sempre com o mesmo resultado, mas era importante que novas ideias surgissem e que isso auxiliasse as professoras no dia a dia. A ideia passada era que esse trabalho de base não fosse uma regra, e sim que os profissionais conhecessem como nos outros países funcionavam os jardins da infância, mas não se afastassem do sistema geral de ensino. Dessa forma, a *Revista* tinha duas partes: a primeira mostrava de um modo geral os diversos tipos de jardins da infância por meio dos manuais publicados no estrangeiro. A segunda eram os trabalhos feitos pelas professoras na *Revista* (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896; 1897).

Graças ao patriótico auxílio do Governo do Estado, iniciamos hoje a publicação da *Revista do Jardim da Infância* tendo por fim tomar conhecidos os processos empregados em tais instituições de ensino e reunir os elementos artísticos necessários à organização do ensino infantil pelo sistema froebeliano. Por esse modo aperfeiçoaremos a instituição já criada nesta Capital e facilitaremos novas criações que, porventura, se venham a fazer ou pela ação do Governo ou por iniciativa particular (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 5).

A *Revista* foi impressa pela Typographia a Vapor de Espindola, Siqueira e Comp. que, segundo Monarcha (2001, p. 92), era uma empresa que “[...] vinha se especializando na edição de publicações oficiais”. A tipografia funcionou de 1895 a 1900, e o nome da empresa levava o nome dos dois proprietários. Foram duas revistas publicadas, uma em 1896, e a outra em 1897. O formato da revista é de 16 x 22 cm. O primeiro volume possui 317 páginas, e o segundo possui 471 páginas.

Na capa há o nome da revista, o volume, a cidade e o ano, assim como um aforismo: “Os jogos infantis encerram muita vez/Um conceito profundo em sua candidez/Schiller”. Além desses elementos, há na capa uma reprodução do edifício da Escola Normal de São Paulo, “[...] símbolo de orgulho e projeção do futuro elaborado pelos republicanos paulistas” (MONARCHA, 2001, p. 94). A folha de rosto repete os elementos da capa; após a folha de rosto, há uma folha que identifica a tipografia.

Figura 7 – Capa da *Revista do Jardim da Infância* (1896)



Fonte: *Revista Jardim da Infância*, 1896.

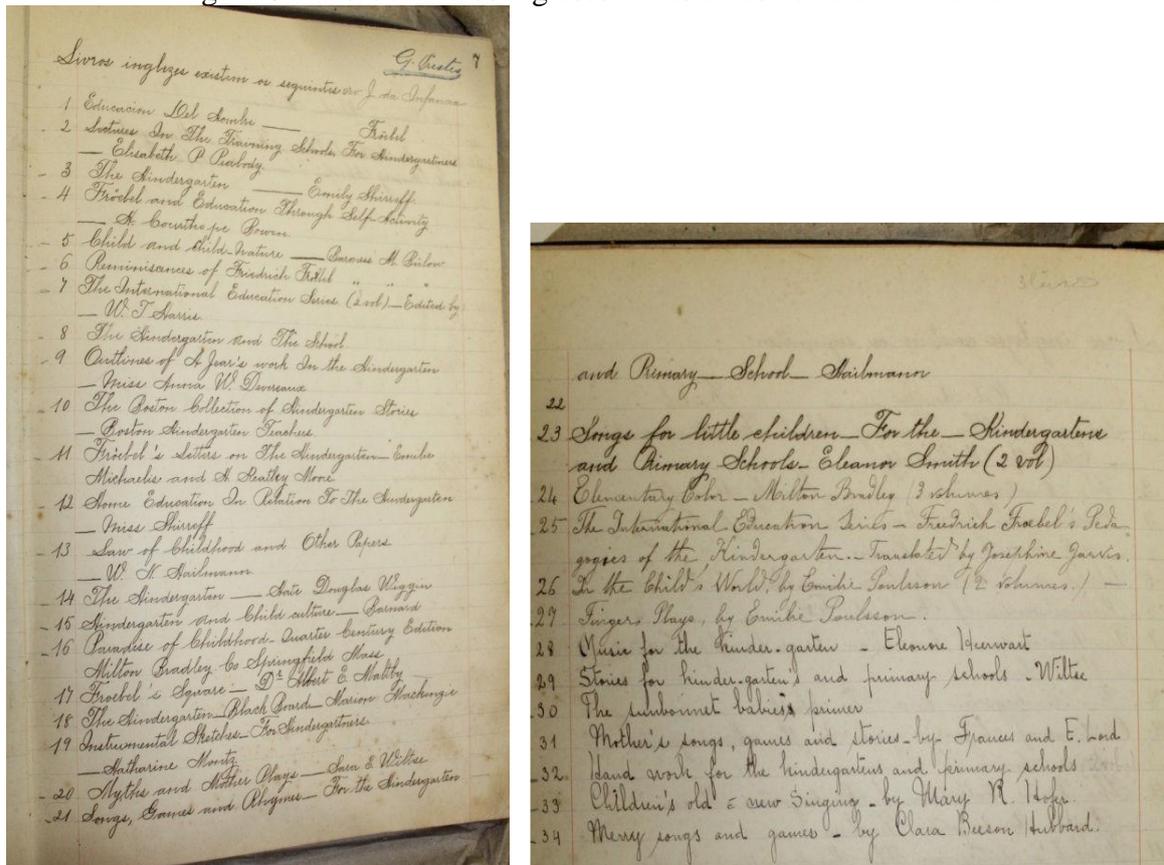
Essa Revista vale por todo um tratado metodológico sobre os JARDINS DA INFÂNCIA. Nela, Zalina Rolim, já se disse colaboradora com poesias e contos; e exercícios de linguagem e jogos. As traduções do inglês e da parte poética foram feitas por ela. Também a ela coube colocar versos e adaptar brinquedos traduzidos de outros idiomas — (alemão, inglês e francês) — por outros educadores. Apresentou, ainda relatórios, artigos doutrinários e impressões pedagógicas (DANTAS, 1983, p. 6).

Em relatório entregue ao diretor da Escola Normal, publicado no v. 1 da *Revista*, Maria E. Varella apresentou uma breve exposição dos trabalhos feitos para a instalação do Jardim da Infância, que ajudou a organizar na qualidade de inspetora, justificando que não foi possível em tempo hábil, até a abertura do jardim, tratar do método de ensino que iriam adotar no primeiro ano do Jardim da Infância, por falta de material didático no país (*REVISTA DO*

*JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 9). Assim, foi possível a abertura do Jardim da Infância mediante os supostos livros encontrados nos documentos guardados da escola em que a equipe estudou e se apropriou da metodologia do ensino do *kindergarten*.

Para a organização dos trabalhos do Jardim da Infância, foram adaptadas ou traduzidas partes das seguintes obras estrangeiras: *Para exercícios de Linguagem (Practical Suggestions for Kindergartners)*, de Jeanette R. Gregory; *In the Childs Word*, de Emilie Poulsson; *Para exercícios de gymnastica, brinquedos, cantos e hymnos (Music for the Kinder-Garten)*, de Eleonore Meervart; e *Die Ruwegungsspiele und Lieder des Fröbel fehen Kindergarten*, de Friedrich Seidel. As traduções do alemão foram feitas por Rosina Soares, e as do inglês e a parte poética foram feitas por Zalina Rolim.

Figura 8 – Lista de livros ingleses<sup>13</sup> existentes no Jardim da Infância



Fonte: AHECC, CREMC, SEESP (Escola Normal: Inventário do Jardim da Infância, 1896 – JI, 233).

A Revista foi construída por produções que tratavam das questões pedagógicas do Jardim da Infância e se baseavam nos princípios de Fröebel. Nela constam textos originais com tradução e adaptação de obras estrangeiras relacionadas ao sistema froebeliano e ao

<sup>9</sup>No original: livros ingleses existem os seguintes no jardim da infância: 1) *Educacion Del Hombre*, Fröebel; 2) *Sectures In The Training Schools. For Kinfergartinere*, Elisabeth P. Peabody; 3) *Kindergarten*, Emily Shirreff; 4) *Fröebel and Education Through Self-Activity*; H) *Cousthe pe Bowon*; 5) *Child and child-nature*, Baroness M, Bülow; 6) *Reminiscenses of Friedrich Fröebel*, Baroness M, Bülow; 7) *The International Education Series* (2 vol.), W. T. Starris; 8) *The Kindegarten and The School*; 9) *Outlinves of A Year's work In the Kindergarten*, Miss Anna W. Devereaux; 10) *The Boston Collection of Kindergarten Stories*, Boston Kindergarten Teachess; 11) *Fröebel's Setters on The Kindergarten*, Emilie Michaelis and H. Reathy Moore; 12) *Home Education On Relation To The Kindergarten*, Miss Shirreff; 13) *Saw of Childhood and Other Papers*, W. N. Hailmann; 14) *The Kindergarten*, Hate Douglas Wiggin; 15) *Kindergarten and Child culture*, Barnard; 16) *Paradise of Childrehood*, Quarter Century Edition Milton Bradley C. Springfield Mass; 17) *Fröebel's Square*, D° Albert E. Mahtby; 18) *The Kindergarten*, Blach Board, Marrion Mackenzie; 19) *Instrumental Sketches, For Kindergartenness*, Hatharine Montz; 20) *Mythes and Mother Plays*, Sara E. Wiltse; 21) *Songs, Games and Rhymes, For the Kindergarten and Primary School*, Hailmann; 23) *Songs for litte children For the Kindergartens and Primary Schools*, Eleanor Smith (2 vol); 24) *Elementary Color*, Milton Bradley (3 volumes); 25) *The Internartional Education Series*, Friedrich Froebel's Pedagogies of the Kindergarten. Translaters by Josephine Jarns; 26) *In The Child's World*, by Emile Poulsson (2 volumes); 27) *Fingers Plays*, by Emile Poulsson; 28) *Music for the kinder-garten*, Eleonore Heerwart; 29) *Stories for kinder-garten's and primary schools*, Wiltse; 30) *The sunbounet babies primer*; 31) *Mother's songs, games and stories*, by Grauces and E. Lord; 32) *Hand work for the kindergartens and primary schools*; 33) *Children's old e new Singing*, by Mary R. Hofer; 34) *Merry songs and games*, by Clara Bleson Hubbard.

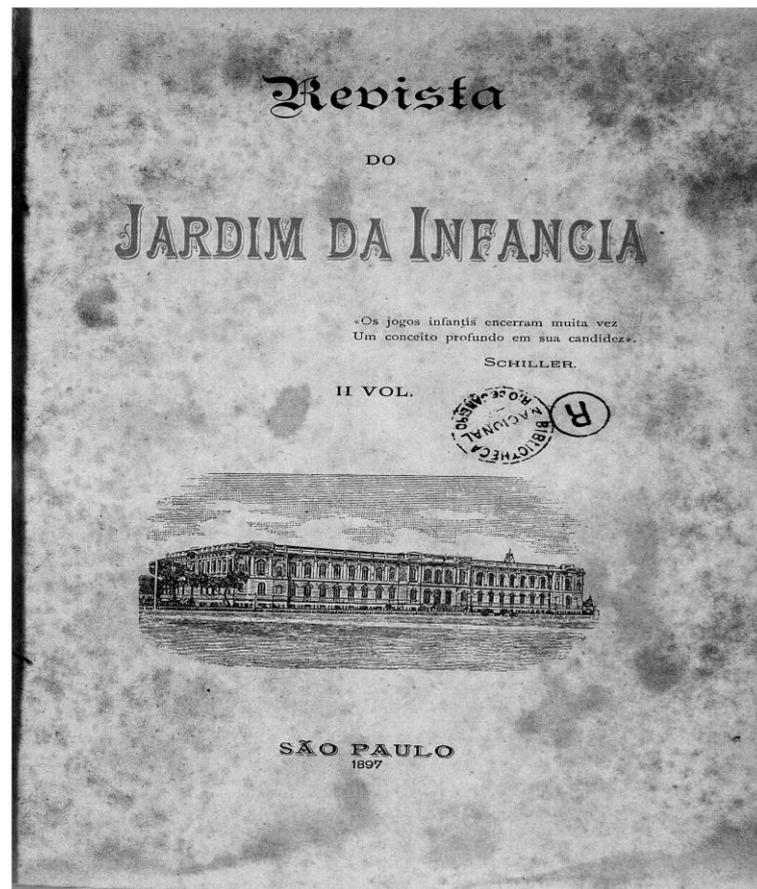
*kindergarten*. Segundo Prestes (1896), a *Revista* era prática, não se interessava em discutir vantagens e desvantagens pedagógicas dos processos, mas sim oferecer indicações práticas. Prestes (1896) desejava que a *Revista* não fosse seguida à risca, mas que as professoras fossem desenvolvendo as atividades de acordo com as necessidades de cada aluno.

D'Avila (1972) afirma que as tradutoras fizeram tudo com muito capricho e ressalta a importância de Zalina Rolim como colaboradora. Prestes (1896) tinha a certeza de que levaria um tempo para que todo trabalho desenvolvido pelas docentes fosse adaptado ao sistema brasileiro, na medida em que fossem surgindo novas ideias e adaptações necessárias para atender a necessidade de cada um dos discentes. Assim, as educadoras deveriam desenvolver a metodologia froebeliana adequando ao sistema brasileiro e ao funcionamento do Jardim da Infância, para criar e selecionar o que realmente era importante e aplicar nos “[...] elementos artísticos de que careceriam” (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 6).

Segundo Prestes (1896), a ideia da publicação se dividiria em duas fases: a primeira edição proporcionaria um conhecimento geral dos tipos de jardins da infância, por meio dos manuais publicados pelos EUA, pela Europa, e trabalhos que as professoras já tinham realizado e que estavam aptos a aplicar nas classes infantis. Na segunda fase, por sua vez, a ideia era a publicação de trabalhos originais, e posteriormente diminuir a *Revista* e passar a publicar mensalmente. Não houve explicações quanto a não continuação das edições da revista, como aponta Carlos da Silveira (1929) e os estudos de Mônica Pinazza (1997).

No segundo volume, editado em 1897, o periódico seguiu as mesmas normas do primeiro volume, seguindo os jardins da infância estrangeiros no modo de funcionamento e no material. Contudo, nessa vez, destacaram-se os programas da Itália e o livro publicado na Alemanha, *Kindergarten Culture and Culture Papers*, de Bernard, além de trazer várias adaptações de contos, partituras e planos de aulas.

Figura 9 – Capa da *Revista do Jardim da Infância* (1897)



Fonte: *Revista Jardim da Infância*, 1897.

Para Pinazza (1997), a possível explicação seria a de que Prestes (1896) queria em sua proposta o objetivo de compor a *Revista* apenas com produções originais e editar mensalmente, mas, segunda a autora, tendo em vista que a *Revista* fora um mecanismo para a divulgação do Jardim da Infância paulista, o curto período de edição não permitiu novas edições e novas criações de conhecimentos. Pinazza (1997) afirma também que uma hipótese para a *Revista* deixar de existir seria a de que o governo não apoiou mais financeiramente. Percebe-se numa visão mais detalhada do periódico que a atenção evidencia na *Revista* o papel da mulher como educadora do Jardim da Infância, bem como seu papel na sociedade geral.

Ainda segundo a autora, devido a *Revista* ser editada no final do século, em relação à educação feminina, cabe ressaltar que apesar de escondidas nos conteúdos da *Revista*, demonstra-se a compreensão da sociedade nos primeiros anos de República. Nos pequenos detalhes que refletem as histórias, poesias e normas para os jogos entre meninos e meninas mostra-se que as ideias da educação eram voltadas para um cunho moral, com diferentes papéis dispostos entre o homem e a mulher, e os docentes.

A *Revista* classifica como educadora principal a mulher (julgando-a natural), mas que na verdade a professora mulher iguala-se à figura materna (as jardineiras, “professoras do infantil”). Percebe-se que nos modelos das aulas descritas, uma professora (como as mães) se sobressai nas narrações e histórias. Zalina Rolim sempre destacava que os contos e as histórias deviam ser narrados por uma professora. “[...] Quando vejo uma educadora mãe ou uma boa mãe a contar história numa roda de criancinhas atentas...” (ROLIM, 1897, p. 86).

Destaca-se um fato curioso sobre a formação feminina nos jardins da infância: no fim do século XIX, no artigo de Zalina Rolim intitulado “Das minhas notas”, no qual a autora trata de sua atuação no Jardim da Infância, houve um comentário da poetisa sobre ter corrigido os “modos” de uma aluna de 5 anos que tinha o hábito de levar a ponta do “aventalzinho à boca”, quando alguém lhe dirigia a palavra (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1897, p. 59-61).

Das “Minhas Notas”)

Neste princípio de ano tenho notado interessantes

Mudanças em nossas criancinhas.

E daí, quem sabe se eu também terei mudado?

O que sei é que as crianças mostram-se mais atentas

E interessadas em nossas conversas de todos os dias.

Uma delas, a Iracema. Que durante quase todo

O ano passado conservara-se indiferente as minhas

narrações, é hoje uma das que mais prazer manifestam em ouvir-me.

Outra coisa notável é o desembaraço e maneiras

gentis que vão substituindo, em boa hora, o acanhamento

e modos bruscos dos primeiros tempos.

Uma das nossas pequenitas, uma interessante

Lourinha que ainda hoje responde com dificuldade ao

Que se lhe pergunta, durante todo o ano findo dá guar-o hábito

deplorável, de (apesar de nossos esforços e solicitações amigas) levar o lenço ou a ponta do aventalzinho rendado

a boca, sempre que uma de nós lhe dirigia a palavra. Pois bem, é uma

dificuldade vencida! Hoje a pequenita já conserva as mãozinhas no

regação e o lenço nas mãos, se bem que

mostre ainda excessivo acanhamento.

Enfim, há no jardim muita cousa nova e que

me interessa sobre maneira.

As crianças fazem-me perguntas a que respondo

com prazer e agrado, procurando sempre um meio

de torna-lhes as minhas expressões bem claras e

simples. Nem sempre o conseguirei, talvez, mas o

esforço e os bons desejos de algum proveito não de ser.

Era no recreio> Chovera durante três ou quatro

dias e, naquele primeiro dia de sol, estava eu com

algumas crianças a sombra de uma formosa árvore

de magnólias que abrigava um pequenino terraço cimentado,

a um canto de nosso jardim.

O Mimi, um pequenino inteligente e observador

Fez-se a seguinte pergunta:

- Porque é. D. Zalina que estão aqui nos cimentos

estas manchas verdes? -E apontou-me umas

camadas desiguais de musgo, levemente esverdeado aqui e ali espalhadas pelo terraço.  
 -É a humildade a causa disto, Mimi – respondi-lhe, contente com a observação. – Aqui há muita sombra e, como choveu por alguns dias, da humidade surgiu esta vegetação que nós chamamos musgo e que você há de conhecer mais tarde.  
 - Mas, continuou o menino interessado, como é que não “há” destas manchas por todo o terraço? A chuva cai por toda a parte, não é? Sim, a chuva cai em todo o terraço, Mas, não vê que em alguns lugares o cimento ficou um poquito mais baixo do que em outros, a humidade foi maior, e ficou por mais tempo. Além disso, olhe para cima.  
 - Não vê umas abertas, aqui e acolá, entre a Folhagem, por onde o sol atravessa? Onde os seus Raios chegam primeiro, mais depressa a humidade Desaparece, e não há tempo para formar-se a camada De musgo que é comum em lugares húmidos. Procurei clarear-lhe bem a minha explicação que ele mostrou compreender.  
 Passados dois ou três dias, estávamos no mesmo terraço. Desta vez fui eu procurei chamar a atenção do menino para o assumpto anterior.  
 - Olhe, Mimi, como o sol já fez desaparecer toda a humidade do terraço. Foram-se todas as manchas do musgo.  
 Ele recordou-se imediatamente da conversa que havíamos tido e sorriu-se dizendo-me conviva satisfação a irradiar-lhe no seu rostinho gentil:  
 -É verdade, agora tudo está igual e seco.  
 Quando vier outra chuva não hão de aparecer novas camadas De musgo em nosso terraço e o sol há de o Secar de novo, não é?  
 E como eu lhe respondesse afirmamente Ele tornou a sorrir e lá se foi a correr por entre os Canteiros que o sol inundava com a luz de ouro (ROLIM, 1897, p. 21).

Bourdieu (1996) apontou um trabalho de construção social do corpo, no caso, o uso da roupa e a forma de se comportar, sendo feminina ou masculina. O autor afirma que há preceitos de gramática do corpo, nos quais se constrói o que dizer ou fazer, ou o que não dizer e não fazer. Então, por meio do trabalho de educação, são acrescentadas as construções sociais, “gravadas no corpo”, que norteiam as formações do sistema e dos princípios que formam a prática e a opinião (BOURDIEU, 1996, p. 38). Considerada como frágil, a mulher necessitava de proteção e precisava ser controlada, pois qualquer atividade fora do lar representaria um risco.

Num outro artigo de Rolim, denominado “Os jogos e a extensão da individualidade” (ROLIM, 1897, p. 379-389), ela defende a atuação das professoras do Jardim para que utilizem o método froebeliano, defendendo as críticas impostadas ao “[...] chamar de marionetes às educadoras froebelianas porque se tornam crianças com as crianças”.

Destaca-se na *Revista* “os exemplos de aula”, direcionando as ações das professoras por meio de ações esperadas. Assim, nessas lições havia o interesse de passar às crianças os valores sociais e “normais”. Consta na *Revista do Jardim da Infância* uma valorização do lar e da família, que se encontra sempre presente em exemplos de aula. Ao editar as propostas froebelianas, a *Revista* apresentava observações importantes ao uso da proposta, de que o método não foi homogêneo, dependendo dos valores.

Desse modo, o período republicano caminhava com seus primeiros passos e seus valores sociais vindos de uma sociedade patriarcal que já apontava em favor das mudanças que estariam por vir com a vida industrial e urbana. À mulher cabia, então, procriar, educar, proteger seu lar e os seus e seu espaço na docência, mas sem esperar o degrau mais alto dos escalões na carreira de professora, na qual a infância urbana e da elite necessitavam de atenção (PINAZZA, 1997).

#### 4.2 Os textos de autoria de Zalina Rolim

Na *Revista do Jardim da Infância* (1896), Zalina colaborou com textos de sua autoria, traduções e adaptações de textos didáticos, incluindo 23 colaborações. Na edição seguinte, *Revista do Jardim da Infância* (1897), foram 25 publicações de autoria de Zalina. Pode-se enumerar várias outras adaptações de versos criados por Zalina, que com certeza dariam um número maior, por exemplo, a seção “Brinquedos” continha textos traduzidos do alemão, inglês e francês por Rosina Soares e Maria Varella, mas “postos em verso e adaptados” por Zalina Rolim. Todos os textos traduzidos serviam-se da teoria de Fröebel, sendo resumos de suas obras e outros autores que citaram o *kindergarten*, exercícios de linguagem, hinos, cantos e marchas. Santos (2017, p. 96) afirma que o trabalho de Zalina Rolim como professora de linguagem era de auxiliar as crianças a desenvolverem a fala por meio de histórias que utilizavam o diálogo, os hinos, as marchas e o canto.

Nos Quadros 1 e 2 estão os textos de autoria e as traduções de Zalina Rolim publicados no volume 1, de 1896, da *Revista do Jardim da Infância*.

Quadro 1 – Autoria de Zalina Rolim, *Revista do Jardim da Infância* (1896)

| TÍTULO         | GÊNERO   | AUTORIA      | PÁGINAS |
|----------------|--|--------------|---------|
| Família e lar  | Lição de linguagem: após segue-se a leitura do conto                       | Zalina Rolim | 13-16   |
| Espera e verás | Conto para ser lido após a lição de linguagem “Família e Lar”              | Zalina Rolim | 17-19   |
| Fructas        | Lição de linguagem: após segue-se a leitura do conto “O somno da maçã”     | Zalina Rolim | 45-46   |
| Passaros       | Lição de linguagem – após segue-se a leitura do conto “O expresso do Grou” | Zalina Rolim | 133-134 |

|                                  |  |              |         |
|----------------------------------|--|--------------|---------|
| Primavera                        | Lição de linguagem – após segue-se a leitura do conto “História de um bichinho”            | Zalina Rolim | 184-185 |
| A fructinha do café              | Conto  | Zalina Rolim | 208-212 |
| A creança alegre                 | Poesia   | Zalina Rolim | 248     |
| As favas                         | Conto  | Zalina Rolim | 249     |
| Gymnastica dos dedos             | Exercícios com movimento   | Zalina Rolim | 252     |
| Versos para exercícios de dicção | Exercícios de dicção   | Zalina Rolim | 255-256 |
| A boneca                         | Conto para ser narrado pela professora e reproduzido pelas crianças nas aulas de linguagem | Zalina Rolim | 285     |

Fonte: Elaborado pela autora com base na *Revista do Jardim da Infância* (1896).

Quadro 2 – Traduções de Zalina Rolim, *Revista do Jardim da Infância* (1896)

| SEÇÃO                               | GÊNERO   | TRADUÇÃO  | PÁGINAS |
|-------------------------------------|--|---|---------|
| O dedinho vaidoso                   | Conto para ser narrado nas lições de linguagem   | Do livro de <i>Boston: Collection of Kindergarten stories</i> . Tradução de Zalina Rolim  | 29-31   |
| O somno da maçã                     | Conto para ser lido após a lição de linguagem “Fructas”  | Do livro: <i>In the Child's world</i> . Traduzido por Zalina Rolim  | 47-48   |
| Brinquedos                          | Verso para brincar e cantar  | Traduzindo do alemão, inglês e francês por Rosana Nogueira Soares e Maria E. Varella. Postos em verso e adaptado por Zalina Rolim | 50-68   |
| O expresso do Grou                  | Conto para ser narrado para as crianças mais adiantadas  | Do livro: <i>In the Child's World</i> . Traduzido por Zalina Rolim  | 135-138 |
| Cantos e marchas                    | Versos para cantar e marchar   | Traduzido do inglês e do alemão por Rosina Nogueira Soares. Postos em verso por Zalina Rolim                                      | 141-148 |
| Os travessos amiguinhos             | Música   | Do livro: <i>Finger Plays de Emile Poulsson</i> . Com música própria. Traduzido por Zalina Rolim                                  | 216     |
| O presente de Luizinha              | Conto  | Conto traduzido por Zalina Rolim  | 217-219 |
| Os dons de Fröebel: primeiro dom    | Sumário feito segundo o resumo final do <i>Paradise of Childhood</i> e com indicações do catálogo do material de jardins de infância de J. L. Hammett. | Tradução e resumo de Gabriel Prestes. Versos de Zalina Rolim  | 220-241 |
| Exercícios práticos do jogo de bola | Exercícios com as bolas para percepção motora e visual   | Por Maria Ernestina Varella. Versos de Zalina Rolim   | 257-284 |

Fonte: Elaborado pela autora com base na *Revista do Jardim da Infância* (1896).

Nos Quadros 3 e 4 estão os textos de autoria e as traduções de Zalina Rolim publicados no volume 2, de 1897, da *Revista do Jardim da Infância* (1896).

Quadro 3 – Autoria de Zalina Rolim, *Revista do Jardim da Infância* (1897)

| TÍTULO             | GÊNERO   | AUTORIA      | PÁGINA |
|--------------------|--|--------------|--------|
| Diálogo Matinal    | Diálogo em forma de poesia   | Zalina Rolim | 20     |
| Das “Minhas notas” | Relatório sobre o desenvolvimento dos alunos de Zalina Rolim   | Zalina Rolim | 21     |
| Ninhos             | Lição de linguagem: anterior a essa lição, a professora deve ter trabalhado com o assunto “Passarinhos”. Após a lição, segue-se a leitura do conto “O ninho” | Zalina Rolim | 67-69  |

|                          |  |                                       |         |
|--------------------------|--|---------------------------------------|---------|
| Trechos                  | Pequeninos trechos reproduzidos das lições de linguagem com a acentuação própria, como simples meio de dar às crianças o necessário desembaraço no falar | Zalina Rolim                          | 83-85   |
| O meu corpo              | Poesia   | Zalina Rolim                          | 109     |
| O algodão                | Lição de linguagem   | Zalina Rolim                          | 110-113 |
| O relógio                | Lição de linguagem   | Zalina Rolim                          | 170-172 |
| Marchas, cantos e hymnos |  | Zalina Rolim                          | 193-202 |
| Brinquedos               | Versos para brincar  | Traduzido e adaptado por Zalina Rolim | 227-234 |
| Das “Minhas notas” II    | Relatório sobre o desenvolvimento dos alunos de Zalina Rolim   | Zalina Rolim                          |         |

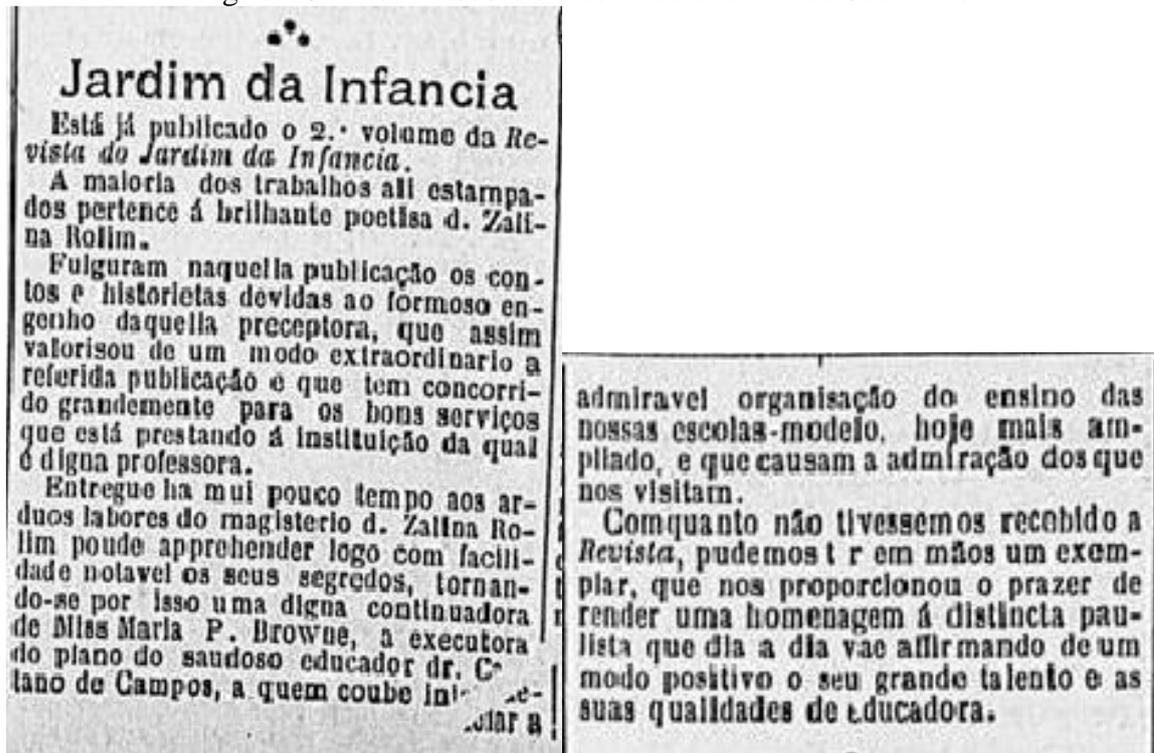
Fonte: Elaborado pela autora com base na *Revista do Jardim da Infância* (1897).

Quadro 4 – Traduções de Zalina Rolim, *Revista do Jardim da Infância* (1897)

| SEÇÃO  | GÊNERO  | AUTORIA  | PÁGINAS |
|--|---|--|---------|
| Anno Bom                                       | Conto   | Do livro: <i>In the Child's World</i> . Traduzido por Zalina Rolim.  | 14-19   |
| Passaros e peixes                              | Conto   | Do livro: <i>In the Child's World</i> . Traduzido por Zalina Rolim   | 64-66   |
| O ninho  | Conto   | Do livro: <i>In the Child's World</i> . Traduzido por Zalina Rolim.  | 70-72   |
| Passarinhos                                    | Poesia  | Traduzido por Zalina Rolim   | 73      |
| Do conto e da arte de contar                   | Texto pedagógico  | Do livro: <i>Frederigo Fröebel ed ul suo sitema di educaziones</i> , de Amália de Rosa. Traduzido por Zalina Rolim | 86-102  |
| A utilidade do espinheiro                      | Conto para ser lido após a lição de linguagem “A lan”     | Do livro: <i>Kindergarten Stories and Morning Tales</i> . Traduzido por Zalina Rolim                               | 106-108 |
| História do algodão                            | Conto   | Do livro: <i>In the Child's word</i> . Traduzido por Zalina Rolim  | 114-118 |
| A galinha e os pintos                          | Poesia  | Do livro: <i>Finger Plays</i> , de Emile Poulsson, com música própria. Traduzido por Zalina Rolim                  | 169     |
| O relógio                                      | Conto para ser lido após a lição de linguagem “O relógio” | Do livro: <i>In the Child's word</i> . Traduzido por Zalina Rolim  | 173-180 |
| As ovelhas                                     | Poesia do livro   | Do livro: <i>Finger Plays</i> , de Emile Poulsson, com música própria. Traduzido por Zalina Rolim                  | 181     |
| Resumo dos princípios de Fröebel               | Texto pedagógico  | <i>De Barard – Kindergarten and Child Culutre</i> . Traduzido por Zalina Rolim                                     | 182-185 |
| O carpinteiro                                  | Lição de linguagem  | Do livro: <i>In the Child's word</i> . Traduzido por Zalina Rolim  | 186-188 |
| O derrubador honesto                           | Conto   | Do livro: <i>In the Child's word</i> . Traduzido por Zalina Rolim  | 189-192 |
| Dos jogos no Jardim da Infância                | Texto pedagógico  | Do livro: <i>Frederigo Fröebel ed ul suo sitema di educaziones</i> , de Amália de Rosa. Traduzido por Zalina Rolim | 206-226 |
| Brinquedos                                     | Versos para brincar                                       | Traduzido e adaptado por Zalina Rolim  | 227-234 |
| Os jogos e a externalização da individualidade | Texto pedagógico  | Do livro: <i>Frederigo Fröebel ed ul suo sitema di educaziones</i> , de Amália de Rosa. Traduzido por Zalina Rolim | 379-393 |

Fonte: Elaborado pela autora com base na *Revista do Jardim da Infância* (1897).

Figura 10 – Notícia sobre o Jardim da Infância de São Paulo



Fonte: Jardim... (1897).

Segundo D'Ávila o trabalho pedagógico de Zalina foi citado no artigo publicado sobre o Jardim da Infância por D'Ávila (1972), no qual fez elogios ao trabalho poético de Zalina Rolim.

Coube a essa bela e notável poetisa afeiçoar o espírito geométrico e rígido – da didática froebeliana ao nosso meio e à feição da criança paulista, aos – seus interesses e capacidades. O que foi esse trabalho de ajustamento, de moldagem, de adaptação, dizem bem os dois volumes de 700 páginas da *Revista do Jardim da Infância*, em que a pena de Zalina deixou dezenas de poesias, de contos, de quadras, de arranjos, de marchas ritmadas. Ora, mulher tão ricamente prendada, a “musa da criança paulista”, como a denominamos, merece como Gabriel Prestes a nossa comovida homenagem. Por que Zalina não foi apenas uma poetisa da infância. Mais que isso, seu livro *CORAÇÃO*, foi obra – elogiada pela crítica brasileira, de Bilac a Valentim Magalhães, com os mais rasgados encômios. De seu livro disse Bilac “não é um livro vulgar de senhora inteligente, este. É um livro de poeta acabado, para quem a maneira difícil de estilo moderno já não tem segredos”. Pinheira Chagas, em *O País*, afirmava que o livro de versos de Zalina Rolim valia mais que os livros de Bilac, Raimundo Correia e tantos outros... E assim Zalina, à distância de mais de setenta anos atrás, recebia o título de “poeta”, que caberia bem mais tarde à grande figura de Cecília Meireles. Pois bem. Em que pese esse juízo, o livro de Zalina – *Livro das crianças* – poesia para a infância, do mesmo tempo, a nosso ver, encobre o mérito do *Coração*. O Brasil conheceu e recitou versos desse livro encantador (D'ÁVILA, 1972, p. 12, grifos do autor).

#### 4.2.1 *Zalina e a arte de narrar uma história*

Como já mencionado, Zalina trabalhava a linguagem usando versos nos quais o objetivo era o desenvolvimento dos sentimentos da criança, pois por meio de histórias que se ouve na infância, a criança aprende a falar descobrindo a si mesma e ao mundo onde vive. Por meio do programa citado na *Revista do Jardim da Infância*, Zalina ministrava suas aulas lendo fábulas, lendas e até mesmo diálogos. Segundo os métodos froebelianos, esse contato com as crianças diariamente resultava no objetivo do conhecimento da língua materna. A linguagem sempre foi um instrumento de mediação (HEILAND, 2010).

O ensino da língua, por exemplo, nada tem a ver com a língua considerada como algo exterior: é uma educação do indivíduo para ajudá-lo a se tornar ele mesmo. Através da linguagem, os alunos descobrem sua generalidade, suas leis, ao mesmo tempo em que se revelam a eles mesmos como seres criadores de linguagem. Portanto, para Fröebel, a linguagem é sempre um instrumento de mediação, “exterior” enquanto designa a realidade, e “interior” como testemunham a produtividade intelectual e o potencial de criação linguística (HEILAND, 2010, p. 25).

Durante o desenvolvimento da linguagem, a criança supera o “viver por viver”, ou seja, ela passa a orientar a sua vida com um propósito, aprender a língua durante o período escolar é conhecer a si próprio, é com a fala que a criança se expressa. A linguagem é desenvolvida na infância através de estímulos ao seu redor, pois ela aprende a pedir alimentos, identifica por palavras as pessoas próximas a ela, expressa tudo o que está sentindo e se faz compreender (HEILAND, 2010, p. 44).

Desse modo, no Jardim da Infância as crianças foram separadas de acordo com a idade para uma melhor aprendizagem. Os períodos no Jardim da Infância eram divididos em três e cada um tratava de um tipo de grau de complexidade de cada criança, para que sua aprendizagem fosse desenvolvida. As divisões dos períodos, segundo a *Revista do Jardim da Infância* (1896, 1897), são expostas no Quadro 5.

Quadro 5 – Temas das conversações infantis de cada período para as aulas de *linguagem*

| PERÍODO  | TEMAS  |
|----------|--|
| Primeiro | Família e Jardim da Infância; partes principais do corpo; seres e objetos úteis que atraem a atenção da criança; pais e parentes mais próximos; animais domésticos.  |
| Segundo  | Lar; criança na família; amor aos pais e benfeitores; sentidos físicos; dias da semana; meses do ano; estações; plantas úteis; gravuras representando homens e animais em ação; cenas campestres; e outros para servir de argumento para considerações morais ou de utilidade prática e para o exercício de nomenclatura; contos com gravuras e depois reproduzidos pela criança; diálogos em prosa ou verso; pensamentos e hinos. |
| Terceiro | Desenvolvimento um pouco mais amplo dos assuntos tratados no segundo período – Sentidos; animais; plantas; alimentos; vestimentas; habitações; móveis e utensílios domésticos; meios de transporte; pátria; formação de sentença sobre objetos comuns; contos para reprodução; diálogos em prosa ou verso com a mesma aplicação do segundo período; formação de palavras com letras impressas.                                     |

Fonte elaborado pela autora.

No segundo e terceiro período do Jardim da Infância as aulas ficavam relevantes. Percebia-se que as aulas de linguagem eram envolvidas por muita oralidade e, na medida em que as leituras eram feitas, havia a necessidade de ressaltar a acentuação das palavras para que as crianças desenvolvessem o falar corretamente. Portanto, em cada período as conversações eram modificadas, se necessário, pelas professoras e acontecia gradualmente o desenvolvimento linguístico nos alunos, ampliando o vocabulário de cada um. Para Fröebel (2010, p. 106), “[...] a linguagem significa absolver todo aprendizado no interior e ter coesão em todas as coisas, e esforçar-se conforme a razão dita”.

De acordo com o autor, a linguagem é a manifestação espontânea do interior ao exterior, conhecida por meio de som e palavra. Ao que consta na Revista, a maioria dos textos que foram trabalhados eram envolvidos por música e ritmo. Ainda segundo o autor, temos que trabalhar a linguagem incessantemente. “Esse homem, membro da natureza, leva em si a essência da linguagem, expressando, através da linguagem, sua própria essência e a da natureza” (FRÖEBEL, 2010). Assim, a criança se expressa por meio da linguagem e do movimento.

Como Fröebel (2010) dá muita importância para a linguagem, Zalina seguiu as divisões do que seria desenvolvido nos períodos, escreveu poesias e adaptou versos com a finalidade educativa que a didática linguística estava relacionada, conforme a idade das crianças. Acontecia também essa divisão em algumas de suas histórias, acompanhadas da seguinte mensagem: “histórias para crianças mais adiantadas”.

Fröebel (2010) afirma que o ser humano tem a capacidade de se comunicar e a necessidade de se expressar desde o nascimento para suas necessidades básicas. E é na educação que essa linguagem floresce e se enriquece, sendo estimulada a partir das oportunidades que são criadas pelas professoras e demais crianças.

As aulas de Zalina Rolim, de acordo com a *Revista do Jardim da Infância* (1896, 1897), não se resumiam a contar histórias para crianças, mas estimular a aprendizagem usando objetos relacionados com a história contada pela professora. Segundo Zalina, o valor educativo que uma história proporciona é essencial no Jardim da Infância.

Uma bela história é para o coração das crianças como um quente e benéfico raio de sol que desenvolve os mais escondidos germens, dando-lhes forma decisiva e robusta vida; é um raio de sol que vivifica, ilumina e alegra a mente das crianças e que também, opera beneficentemente sobre a alma da educadora, pois, que a faz voltar com prazer aos momentos mais belos da vida – à infância, quando também ela exultava a promessa de ouvir uma história (ROLIM, 1897, p. 87).

Para a poetisa, narrar para uma criança é um privilégio e um ato benéfico tanto para ela quanto para a professora, citado em seu artigo do conto e da arte de contar (ROLIM, 1897, p. 86-102), o qual ganhou destaque no programa do Jardim da Infância. Zalina ressalta como é grande a eficácia de uma narração, o prazer que as crianças têm ao escutá-la, e que é notável observá-las durante o momento. Ao relatar o momento de suas narrações, pode-se perceber que Zalina provavelmente se valeu de outros livros também ao contar suas histórias. A poetisa afirma que as crianças já manifestavam que queriam mais histórias a serem contadas. Segundo ela, os “[...] efeitos produzidos por uma boa história são grandes...”, pois ouvir histórias, para a autora, mexe com os sentimentos da criança (FRÖEBEL, 2010)

[...] O sentimento da própria vida, de sua atividade oprime e mata inevitavelmente, se o menino não puder compreendê-la, nem conseguir alcançar consciência de si mesmo, de sua essência, de seu fundamento; isso é o que busca o jovem poderoso e ativo – possuir vida interior. Essa é a causa de os meninos ouvirem com tanto gosto a narração de contos, histórias e lendas, pois a impressão de que ocorreram realmente em qualquer época os remete à imaginação, para a qual não há nenhum obstáculo. Com as lendas, contos e narrações, a força, apenas germinada na alma do menino, cresce e se desenvolve por completo, como belas folhas e frutos, todavia pouco visíveis. Como se estende a alma e o coração, como se fortalece o espírito, como se desprenga com mais liberdade e poder quando a comparação é distante? Não é necessário que vá acrescentando ao conto seu sentido útil, nem que desprenda a moral; a vida narrada em si mesma, em qualquer forma, aparecendo como força ativa, produz uma impressão mais profunda por meio de seus motivos e efeitos do que a que pudesse produzir a moral e a utilidade prática referidas por palavras – nada sabe o que necessita do espírito aberto e da vida sentindo-se a si mesma. Narramos muito poucas coisas aos nossos meninos, no máximo histórias cujos heróis são máquinas ou marionetes (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 122-123).

Segundo Fröebel, narrar proporciona um encanto nos sentimentos do espírito da criança, ativando o lado do bem e do belo. Esses valores concentram elementos na vida da criança, tornando-se elementos ativos e, assim, “[...] o horizonte esplandecerá de nova, luz, sentindo alargarem-se lhe os conhecimentos” (ROLIM, 1897, p. 88). Por meio da leitura de Fröebel, Zalina faz seus apontamentos nos quais ressalta a importância da leitura tanto quanto dos jogos

e das brincadeiras. A leitura desperta no cotidiano a curiosidade e, ao mesmo tempo, dá a chance do diálogo e de exercer a cidadania. De acordo com Zalina, é visível nos olhos das crianças o que agradava ou não. O desempenho de uma professora ao narrar uma boa história era um passo para a continuação e o interesse delas na história do dia seguinte. Ela aconselha, como educadora, que as histórias contadas devem ser ao máximo expandidas, para que as crianças possam ter o desejo de ouvir outro repertório no dia seguinte. Por meio das histórias elas podem fazer suas escolhas, contemplar o belo, a arte, o ambiente que está lhe proporcionando o melhor de si mesmo.

Assim os contos devem desenvolver os diversos sentimentos, fazer surgir imagem alegres e tristes, serias e jocosas, divertidas e pavorosas, mas remuneradas sempre. Só então a sucessiva ideia sensacional produzida por um determinado objeto, pela observação continuamente desperta, dando às crianças a ideia completa e exata, mostrará quais determinados conhecimentos se lhe deve distribuir. Desta maneira tem-se a satisfação de ver as crianças comovidas, suspensas de nossos lábios e contentes e tranquilas com a só promessa de um conto (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1897, p. 90).

Fröebel (2010) afirma que: “O sentimento da própria vida, de sua atividade oprime e mata inevitavelmente, se o menino não puder compreendê-la, nem conseguir alcançar consciência de si mesmo, de sua essência, de seu fundamento [...]” (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 122). Para o autor, as histórias devem ser de linguagem própria e clara, devem tocar a emoção da criança, construindo o justo, o belo, o verdadeiro por meio de uma educação bem dirigida. Assim, ao ouvir boas histórias, elas poderão fazer boas escolhas, mesmo na tenra idade, por meio do ambiente que lhes foi proporcionado.

Segundo Fröebel (2010), não era necessário o uso da linguagem clara e fácil ao contar uma história, e sim o uso da linguagem deveria estar associado ao sentimento que provoca na criança. Então, conforme o autor, não seria necessário a professora esclarecer a moral da história, pois “[...] a vida narrada em si mesma, em qualquer forma, aparecendo como força ativa, produz uma impressão mais profunda por meio de seus motivos e efeitos do que a que pudesse produzir a moral e a utilidade prática referidas por palavras”. Considerando os métodos froebelianos, as histórias deveriam fazer sentido ao serem narradas para que sua funcionalidade e seu objetivo fossem alcançados.

Ao narrar para uma criança, deve-se ter técnica, cuidando de todos os detalhes para que o ato não seja superficial. Zalina sempre teve esse cuidado, porque ela relatou que, em alguns momentos, ao contar as histórias poderia mexer com as emoções e, então, a poetisa afirmou que devemos por vida na história para que a criança libere seus sentimentos ao se movimentar, ouvir sons de animais. Por isso, a importância da tonalidade de voz ao contar as histórias e toda a

vivacidade dela para atrair a atenção das crianças. Para Zalina, a educadora deve se movimentar e as crianças também. A história deve despertar prazer ao ouvir, mexer com os sentimentos por meio das palavras pronunciadas pela educadora e de acordo com o texto.

É um verdadeiro manual para as professoras o modo de narrar e musicalizar as poesias e cantos de Zalina, sendo que cada maneira de narrar a história deve ser considerada importante e pensar de que jeito querem alcançar os objetivos para a contribuição do desenvolvimento da criança. “Dá-se, por isso, muita importância ao conto nos Jardins da Infância como eficaz meio educativo. Com eles se oferecerá ao mundo infantil o atrativo do mais delicioso perfume, do mais benéfico influxo que não só o alegra como também a melhora” (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1897, p. 93).

As fases do desenvolvimento infantil são três: na fase um, o bebê exige cuidados; na segunda, deve-se começar a educação; e, no terceiro período, a criança desenvolve a personalidade e acontecem “as coisas mais concretas” (FROEBEL, 2010). “Então, se a criança não for bem direcionada na infância, ela não alcançará a riqueza espiritual necessária para chegar à adolescência, e em sua fase adulta não obterá a elevação “[...] no pensar e sentir, em saber e em conhecer. Todas as aprendizagens e doutrinas futuras tem na infância seus primeiros sinais [...]” (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 71).

A história é de suma importância para a linguagem na infância, e ela deve ser acompanhada de gravuras, explicações e o uso de objetos para dar vida a elas. A história Fructas, é exemplo disso (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 46). Traduzida por Zalina, a história indica que iria tratar de maçã, mas dá a opção de utilizar outras frutas que podem enriquecer o trabalho apresentado. Era um trabalho que dava chances e estímulos para as crianças, quando apresentadas outras hipóteses de frutas e formatos, utilizando vários sentidos, como tocar, sentir liso ou veludo, sentir o paladar e o olfato. Era a oportunidade de trabalhar de diversas formas e abranger várias linguagens enriquecedoras.

Para Fröebel (2010), o desenho e a palavra não estão unidos entre si; para ele, trabalhar só o desenho ou só a palavra não contribui para a aprendizagem. “Um bom desenho tem em comum com o objeto a tendência à reprodução em suas formas e seus contornos, e usa a palavra como forma abstrata reproduzir o objeto — imagem ou cópia dele” (HEILAND, 2010, p. 77). No Jardim, durante as histórias contadas, a gravura sempre acompanhava a poesia, no entanto, na *Revista do Jardim da Infância* (1896, 1897) não havia desenhos. Dessa forma, recomendava-se sempre que a professora levasse objetos para a ilustração da história ou algo que fosse útil ao associar a palavra ao real. Após as aulas de linguagens, e seguindo a *Revista*, as professoras

deviam dar continuidade ao conto, podendo ser em outro momento, visto que sempre constava abaixo do título a escrita “História para a lição anterior”, sempre completando a anterior.

O trabalho de Zalina no Jardim, com suas aulas de linguagem, rendeu-lhe muitos conhecimentos para com o desenvolvimento infantil. Ela pode pensar e refletir sobre o desenvolvimento de seus alunos e registrou na *Revista do Jardim da Infância* (1897), no artigo “Das ‘Minhas notas’” importantes informações.

Neste princípio de anno tenho notado interessantes mudanças em nossas criancinhas. E dahí, quem sabe se eu tambem terei mudado? O que sei é que as creanças mostram-se mais attentas e interessadas em nossas conversas de todos os dias. Uma dellas, a Iracema, que durante quase todo o anno passado conservára-se indifferente ás minhas narrações, é hoje uma das que mais prazer manifestam em ouvir-me. Outra coisa notável é o desembaraço e maneiras gentis que vão substituindo, em boa hora, o acanhamento e modos bruscos dos primeiros tempos. Uma das nossas pequenitas, uma interessante lourinha que ainda hoje responde com dificuldade ao que se lhe pergunta, durante todo o anno findo guardará o habito deploravel, de (apezar de nossos esforços e solicitações amigas) levar o lenço ou a ponta do aventalzinho rendado á boca, sempre que uma de nós lhe dirigia a palavra. Pois bem, é uma dificuldade vencida! Hoje a pequenita já conserva as mãozinhas no regaço e o lenço nas mãos, si bem que mostre ainda excessivo acanhamento. Emfim, há no Jardim muita cousa nova e que me interessa sobre maneira (ROLIM, 1897, p. 59-60).

Percebe-se que Zalina observou, mas registrou também as mudanças que aconteceram com as crianças, que são seres em desenvolvimento, passando por diversos períodos na infância. Quando Zalina faz esses apontamentos, ela afirma que se trabalhado bem com as crianças, elas alcançarão vitórias para uma vida inteira. A educadora catalogou as alterações e afirmou que essa criança — “estudada” e “pensada” — quando trabalhada por um pedagogo comprometido com a causa da educação na infância, necessita de espaços que visam contribuir para seu desenvolvimento e tornar um “[...] ser progressivamente consciente, pensante e inteligente” (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 46). Nessa questão, a educação na infância tenciona “[...] manifestar sua lei interior — o divino que há nele — com toda a pureza e perfeição, com espontaneidade e consciência” (FRÖEBEL, 2010). O professor deve conhecer a “lei” da educação do homem, ter consciência dela e refletir sobre sua origem e sua essência. Desse modo, Zalina ao escrever os relatórios, exercia o seu conhecimento sobre a educação.

A arte da educação consiste na livre aplicação desse conhecimento, dessa reflexão, desse saber para a formação e desenvolvimento imediato de seres racionais, porque os prepara para realizar seu destino. O fim da educação é o desenvolvimento de uma vida fiel à sua vocação – sã, pura e, portanto, santa (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 46).

Zalina era uma educadora que sempre esteve vigilante às pequenas mudanças de seus alunos, e percebeu durante suas narrações que crianças que não se importavam com as narrações

passaram a ter interesse pelas histórias, a ter gosto pela narrativa, deixaram de ser acanhadas, passaram a falar sem embaraço e melhoraram seu comportamento após as narrativas dela. Zalina mostra o avanço das crianças após as aulas de linguagem e com o trabalho de toda a equipe do Jardim. Isso resulta na responsabilidade de que crianças precisam ser educadas e inseridas no ambiente escolar para que seu desenvolvimento seja completo e bem trabalhado. O Jardim da Infância foi uma experiência de educadores comprometidos com a educação, e percebeu-se a mudança nas crianças e que a equipe percorreu um caminho até chegar aos resultados desejados.

Um destes dias tive que responder a uma interessante questão.

Era no recreio. Chovera durante tres ou quatro dias e, naquele primeiro dia de sol, estava eu com algumas crianças à sombra de uma formosa arvore de magnólias que abriga um pequenino terraço cimentado, a um canto de nosso jardim.

O Mimi, um pequenito inteligente e observador fez-me a seguinte pergunta:

- Porque é, D. Zalina, que estão aqui nos cimentos estas manchas verdes? – E apontou-me umas camadas deseguaes de musgo, levemente esverdeado aqui e alli espalhadas pelo terraço.

- E' a humidade a causa disto, Mimi – respondi-lhe, contente com a observação. – Aqui ha muita sombra e, como choveu por alguns dias, da humidade surgiu esta vegetação que nós chamamos musgo e que você há de conhecer mais tarde.

- Mas, continuou o menino interessado, como é que não há destas manchas por todo o terraço? A chuva cae por toda a parte, não é?

- Sim, a chuva cahiu em todo o terraço, mas, não vê que em alguns logares, como o cimento ficou em poquito mais baixo do que outros, a humanidade foi maior, e ficou por mais tempo. Além disso, olhe para cima.

- Não vê umas abertas, aqui e acolá, entre a folhagem, por onde o sol atravessa? Onde os seus raios chegam primeiro, mais depressa a humidade desaparece, e não há tempo para formar-se a camada de musgo que é commum em logares húmidos.

Procurei clarear-lhe bem a minha explicação que ele mostrou comprehender.

Passados dois ou tres dias, estavamos no mesmo terraço. Desta vez fui eu que procurei chamar a atenção do menino para o assumpto anterior.

- Olhe, Mimi, como o sol já fez desaparecer toda a humidade do terraço.

Foram-se todas as manchas do musgo...

Ele recordou-se imediatamente da conversa que havíamos tido e sorriu-se dizendo-me com viva satisfação a irradiar-lhe no seu rostinho gentil:

- E' verdade, agora tudo está igual e secco. Quando vier outra chuva hão de aparecer novas camadas de musgo em nosso terraço e o sol há de o seccar de novo, não é?

- E como eu lhe respondesse affirmativamente elle tornou a sorrir e lá se foi a correr por entre os canteiros que o sol inundava com a sua luz de ouro (FRÖEBEL, 2010, p. 60-61).

Fröebel (2010) relata que Zalina demonstra o momento de descontração fora da sala de aula com suas crianças e, por meio de uma conversa sobre o texto, um de seus alunos chamou-lhe a atenção sobre o que foi comentado, e aproveitando o ensejo, ela usou o momento para relatar o que acontece em dias de chuva. Dias depois ela retomou o assunto com a criança e aproveitou para mostrar que o musgo estava diminuindo na medida em que os dias iam ficando mais ensolarados.

A descrição de tal relato remete o leitor ao método intuitivo, que ficou vulgarizado como lição de coisas, apesar de ser um método de ensino, Schelbauer (2004, p. 4) afirma que “[...] o método intuitivo também figurou nos relatórios oficiais sobre a instrução pública em diversos países que se proliferavam a partir da segunda metade do século XIX”<sup>14</sup>.

Zalina explicava fenômenos da natureza por meio das habilidades linguísticas que as crianças estavam desenvolvendo, pois seu trabalho não acontecia apenas na sala de aula, até mesmo um passeio nos jardins era um momento de aprendizagem. Segundo a obra de Fröebel, a linguagem não se distingue do homem, assim como as palavras não se distinguem das coisas, porque elas não estão separadas entre si, são as mesmas coisas, palavra e coisa, matéria e espírito, corpo e alma (HEILAND, 2010, p. 75). Narrar para uma criança requer técnica e objetivos educacionais. A visão de Zalina tinha o embasamento teórico de Fröebel, no qual uma criança deve desenvolver a forma de falar e, com isso, ela se descobre e passa a ter o conhecimento da língua materna.

A brincadeira faz parte do desenvolvimento infantil, e a criança é um ser que se movimenta segundo a sociedade e, assim, para cada fase há um tipo de brincadeira. O brincar da criança é uma das características que a diferencia do adulto. No Jardim da Infância houve essa interação entre elas, por meio de grande parte do trabalho de Zalina de traduzir e adaptar brincadeiras à realidade das crianças brasileiras. Alguns educadores e filósofos, como Pestalozzi, colaboraram para o sentimento da criança, vendo como um meio de desenvolver as habilidades inatas e naturais na educação. Já Fröebel auxiliou o brincar a ser reconhecido na educação, pois o brincar ou fazer uma atividade começa no desejo da atividade, sendo que esse desejo está inato na criança, devendo começar nas atividades mais simples e depois as complexas, e isso satisfaria tanto o físico quanto o mental (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 71)

Para Arce (2004), Fröebel afirma que a principal fonte do desenvolvimento da criança é a brincadeira na primeira infância, imprescindível para o humano e contribui para o indivíduo e sua personalidade. Assistindo à criança brincar, passa-se a conhecê-la melhor: “[...] a brincadeira desenvolve as características humanas das crianças auxiliando meninos e meninas exercerem o papel que lhes cabe na sociedade” (ARCE, 2004, p. 14).

Brincadeira. – A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança – do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação auto-ativado interno – representação do interno, da necessidade e do impulso internos. A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao

---

<sup>14</sup> A respeito do tema lições de coisas, ver: Schelbauer (2003, 2004, 2006); Valdemarin (1998, 2004).

mesmo tempo, típica da vida humana como um todo – da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo o que é bom. A criança que brinca muito com determinação auto-ativa, perseverantemente até que a fadiga física proíba, certamente será um homem determinado, capaz do auto-sacrifício para a promoção do bem-estar próprio e dos outros. Não é a expressão mais bela da vida neste momento, uma criança brincando? – uma criança totalmente absorvida em sua brincadeira? – uma criança que caiu no sono tão exausta pela brincadeira? Como já indicado, brincadeira neste período não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância. Cultive-a e crie-a, oh, mãe; proteja-a e guarde-a, oh, pai! Para a visão calma e agradável daquele que realmente conhece a Natureza Humana, a brincadeira espontânea da criança revela o futuro da vida interna do homem. As brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura; pois o homem todo é desenvolvido e mostrado nela, em suas disposições mais carinhosas, em suas tendências mais interiores (FRÖEBEL apud ARCE, 2004, p. 13-14).

Zalina, ao traduzir o texto da italiana Amália de Rosa, *Fröebel: ed Il suo sistema de educacione*, cita os jogos no Jardim da Infância e afirma que o brinquedo é considerado como única, primeira e prazerosa conquista da infância, e ocorre também nos outros períodos da vida “Trabalhar é destino comum da humanidade; mas, desde que consegue, com o trabalho, satisfazer as mais propulsoras necessidades da vida [...] (REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA, 1897, p. 206). Brincar é um ato de socialização no qual a criança tem seu momento de relacionamento com outras crianças, aprendendo a viver em sociedade, e o brincar não é só lazer e aprendizagem: com o brinquedo a criança mostra suas forças, sendo uma condição natural que impulsiona a realização da atividade. Em vista disso, as brincadeiras levam a criança a imaginar, criar e fazer de conta, criando uma representação simbólica, fazendo com que por meio do concreto ela tenha uma significação do mundo real. Isso acontece muito no mundo infantil, no qual os jogos e as brincadeiras fazem as crianças descobrirem a si mesmas.

Para Bastos (1999, p. 312), é o que “[...] permite à criança exteriorizar as verdades profundas que possui infinitamente”, que por meio dos dons e jogos de bolas se tem a dimensão simbólica. Fröebel cita o jogo como intuitivo na estruturação cognitiva, no qual o professor é o responsável pelo desenvolvimento da criança. Zalina foi fundamental ao adaptar os cantos e marchas dos jogos froebelianos na visão de que o brincar e os jogos são extremamente importantes para a criança, trabalhando o corpo, os sentidos e o espírito. Para Fröebel, os brinquedos se dividem em três categorias: os que exercitam o corpo, os que exercitam os sentidos, e os que exercitam o espírito (REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA, 1897, p. 2018-2019). A música, as marchas e os versos estão nos artigos sobre brinquedos e nas atividades: “Brinquedos; Cantos e Marchas”; “Cantos para acompanharem os diversos jogos e ocupações”; “os dons de Fröebel”; “Gymnastica”; “Versos para exercícios de dicção” (REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA, 1896). “Exercícios práticos de jogo com a bola”; “Trechos; Marchas,

Cantos e Hymnos”; “Brinquedos” (*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1897). Zalina viu a necessidade de adaptar os versos para que tivesse musicalidade na hora dos jogos e das brincadeiras. Para ela, o canto tinha um poder educativo:

A criança tem tendência para a música; desde pequena aquieta-se quando a seus ouvidos chega um som harmonioso, adormece com embaladoras antigas, dá saltos de alegria quando é excitada por uma música saltitante e alegre: Os jogos acompanhados pelo canto, favorecem e desenvolvem esta tendencia gentil, que tanto poder educativo tem sobre a alma humana (ROLIM, 1896, p. 50).

Assim, os versos foram traduzidos e musicalizados para que a criança desenvolvesse todos os sentidos para que seu processo de desenvolvimento acontecesse.

Quadro 6 – Versos adaptados por Zalina Rolim presentes na *Revista do Jardim da Infância* (1896)

| TÍTULO   | GÊNERO                                    | PÁGINA  |
|--|---|---------|
| O moinho de vento                                  | Versos para brincar e cantar – Música 189 | 50      |
| O pombal   | Versos para brincar e cantar              | 50-51)  |
| Foge ratinho                                       | Versos para brincar e cantar – Música 228 | 51 -52  |
| O temporal   | Versos para brincar e cantar – Música 269 | 53-55   |
| O passarinho prezo                                 | Versos para brincar e cantar – Música 212 | 55-57   |
| A cegonha e os sapinhos                            | Versos para brincar e cantar – Música 199 | 57-58   |
| Adivinhação de flores ou fructos                   | Versos para brincar e cantar – Música 255 | 58-59   |
| O mensageiro                                       | Versos para brincar e cantar – Música 207 | 60      |
| Canção do Moleiro                                  | Versos para brincar e cantar – Música 191 | 60-61   |
| Três passos  | Versos para brincar e cantar – Música 126 | 61      |
| Si eu fosse um passarinho                          | Versos para brincar e cantar – Música 62  | 62      |
| A creança e o ribeirinho                           | Versos para brincar e cantar – Música 267 | 63-64   |
| Os quatro irmãos                                   | Versos para brincar e cantar – Música 82  | 64      |
| As flores da primavera                             | Versos para brincar e cantar – Música 60  | 66-68   |
| A cestinha   | Versos para brincar e cantar – Música 48  | 68      |
| Hymno de entrada                                   | Versos para brincar e cantar – Música 2   | 141     |
| Marcha: A creança alegre                           | Versos para brincar e cantar – Música 38  | 141-142 |
| Marcha: É bom deixar o leito bem cedinho           | Versos para brincar e cantar – Música 37  | 142     |
| Marcha: Quando o dia se levanta                    | Versos para brincar e cantar – Música 26  | 142     |
| Marcha: Eu gosto de um camarada                    | Versos para brincar e cantar – Música 29  | 143     |
| Saudação do 1º período                             | Verso para cantar e marchar               | 143     |
| Polidez  | Verso para cantar e marchar – Música 246  | 144     |
| Canto para a entrada: O Jardim da Infância         | Verso para cantar e marchar – Música 7    | 145     |
| Canto para a entrada: Salve, salve, jardim formoso | Verso para cantar e marchar – Música 11   | 145     |
| Horas do Lunch                                     | Verso para cantar e marchar               | 145     |
| Cantos para a entrada                              | Verso para cantar e marchar – Música 5    | 146     |
| Cantos de despedida I                              | Verso para cantar e marchar – Música 360  | 146     |
| Cantos de despedida II                             | Verso para cantar e marchar – Música 73   | 146     |
| Cantos de despedida III                            | Verso para cantar e marchar – Música 359  | 147     |
| Cantos de despedida IV                             | Verso para cantar e marchar – Música 362  | 147     |
| Acabado o Lunch                                    | Verso para cantar e marchar               | 147     |
| Saudação aos visitantes                            | Verso para cantar e marchar – Música 8    | 148     |
| Marcha: Vinde, amiguinhas marchar                  | Verso para cantar e marchar – Música 17   | 148     |
| Brinquedos de dedos e cantos gesticulados          | Versos                                    | 150     |

|  |   |         |
|--|---|---------|
| Cantos para as semanas                               | Versos  | 150     |
| Brinquedos   | Versos  | 150     |
| Canto - Vem cá, lindo raio amigo                     | Versos  | 151     |
| Canto - Soldados perfiladinhos                       | Versos  | 156     |
| Canto - A bolla passa girando...                     | Versos  | 158-161 |
| Canto - Para frente e para traz                      | Versos  | 167     |
| Canto - Toma agora esta bolinha                      | Versos  | 171     |
| Canto - Vão correndo, vão correndo                   | Versos  | 178     |
| Bola Livre   | Canto para jogo com bola – Música 12, 13, 14, 15, 16, 18,                         | 191-192 |
| Appliação das bolas para o conhecimento das côres    | Canto para jogo com bola – Música 20  | 192     |
| Bola na superfície horisontal                        | Canto para jogo com bola – Música 21  | 193     |
| Bola no cordel                                       | Canto para jogo com bola – Música 23, 24, 25, 29, 30, 31                          | 193-194 |
| Jogo da bola   | Canto para jogo com bola – Música 33  | 194     |
| Esphera  | Canto para jogo com cubo – Música 34, 35  | 195     |
| Cubo   | Canto para jogo com cubo – Música 37, 38, 39                                      | 195-196 |
| O cubo suspenso por uma das faces                    | Canto para jogo com cubo – Música 40  | 196     |
| O cubo suspenso por um canto                         | Canto para jogo com cubo – Música 41  | 196     |
| O cubo suspenso por um angulo                        | Canto para jogo com cubo – Música 42  | 197     |
| O cylindro suspenso a um cordel, pela borda          | Canto para jogo com cilindro – Música 43  | 197     |
| O cylindro   | Canto para jogo com cilindro – Música 44, 45                                      | 197     |
| Esphera e cubo                                       | Canto para jogo com esfera e cubo – Música 46                                     | 198     |
| Movimento circular da esfera ou dos cubos            | Canto para jogo com esfera e cubo – Música 48                                     | 198     |
| A esfera suspensa pelo cordel e girando              | Canto para jogo com esfera e cubo – Música 52                                     | 198     |
| Esphera e cubo em repouso                            | Canto para jogo com esfera e cubo – Música 53, 54                                 | 198-199 |
| A esfera e o cubo depois do repouso                  | Canto para jogo com esfera e cubo – Música 55                                     | 199     |
| A esfera pende pelo cordel a um páu transversal      | Canto para jogo com esfera – Música 56  | 199     |
| A esfera no cordel oscillando                        | Canto para jogo com esfera – Música 57  | 199     |
| Canto de entrada para as construcções                | Canto – Música 58   | 200     |
| Cubo   | Canto para jogo com cubo – Música 59  | 200     |
| Pedreiros. Construcções com os cubos                 | Canto para jogo com cubo – Música 60, 61  | 200     |
| Escóla. Construcção com os solidos                   | Canto para construcção com sólidos – Música 61                                    | 201     |
| A casinha. Construcção com os solidos                | Canto para construcção com sólidos – Música 81                                    | 201     |
| O navio. Construcção com os solidos                  | Canto para construcção com sólidos – Música 84                                    | 201     |
| O jardim. Construcção com os sólidos                 | Canto para construcção com sólidos – Música 86                                    | 202     |
| A cestinha. Construcção                              | Cantos para construcção – Música 95   | 202     |
| Jogos Gymnasticos para as mãos e os dedos            | Cantos para jogos de ginástica – Música 97  | 203     |
| Gymnastica das mãos                                  | Cantos para jogos de ginástica – Música 103, 104                                  | 203     |
| Gymnastica dos pés                                   | Cantos para jogos de ginástica – Música 106                                       | 204     |
| Salto  | Cantos para jogos de ginástica – Música 107                                       | 204     |
| Gymnastica   | Canto para construcção com prismas – Música 117                                   | 204     |
| 4° Dom. Construcção com dous prismas                 | Canto para construcção com prismas – Música 63                                    | 205     |
| Banco de três assentos. Construcção com tres prismas | Canto para construcção com prismas – Música 65                                    | 205     |
| A porta. Construcção com quatro prismas              | Canto para construcção com prismas – Música 113                                   | 205     |
| A escada. Construcção com cinco prismas              | Canto para construcção com prismas – Música 69                                    | 206     |
| O pocinho. Construcção com seis prismas              | Canto para construcção com prismas – Música 94                                    | 206     |
| A mina. Construcção com sete prismas                 | Canto para construcção com prismas – Música 67                                    | 206-207 |
| Casa de campo. Construcção com 8 prismas             | Canto para construcção com prismas – Música 93                                    | 207     |
| Gymnastica dos dedos: 1°, 2° e 3° período            | Versos para exercícos de movimentos dos dedos                                     | 251     |
| Versos para exercícos de dicção: 1°, 2° e 3° período | Versos para os exercícos de dicção  | 255-256 |
| Exercícos práticos do jogo da bola                   | Versos dos exercícos para distinguir o lado direito do esquerdo – Música 103, 104 | 257-258 |

|                              |   |         |
|------------------------------|---|---------|
| Distribuição das bolas       | Versos para exercício com as bolas – Música 16, 15                        | 261-262 |
| Exercício de comparação      | Versos para exercício com as bolas – Música 33, 18                        | 263-264 |
| A fôrma                      | Versos para exercício com as bolas – Música 14, 13                        | 264-266 |
| Continuação da fôrma         | Versos para exercício com as bolas – Música 30                            | 267     |
| Continuação de cores         | Versos para exercício com as bolas para conhecer as cores – Música 20, 53 | 269-270 |
| Côres em brinquedo           | Versos para exercício com as bolas para conhecer as cores – Música 29     | 272     |
| Posições entre dous objetos  | Versos para exercício com as bolas para conhecer as cores – Música 16, 70 | 273-274 |
| O movimento                  | Versos para exercício com caixas e bolas – Música 13, 25, 24              | 275-276 |
| O peso                       | Versos para exercício com bolas – Música 21                               | 277     |
| Posições do cordão no espaço | Versos para exercício com bolas – Música 23, 21                           | 278-280 |
| A despedida das bolinhas     | Versos para exercício com bolas – Música 113                              | 284     |

Fonte: Elaborado pela autora com base na *Revista do Jardim da Infância* (1896).

Quadro 7 – Versos adaptados por Zalina Rolim presentes na *Revista do Jardim da Infância* (1897)

| TÍTULO   | GÊNERO                                       | PÁGINA |
|--|--|--------|
| Marcha I: Vamos todos alegrinhos                     | Marcha – Música 25                           | 193    |
| Marcha II: Gosto muito de uns passeios               | Marcha – Música 30                           | 194    |
| Marcha III: Que bom é cantar                         | Marcha – Música 147                          | 194    |
| Marcha IV: Vamos brincar, que lindo dia!             | Marcha – Música 28                           | 195    |
| Marcha V: Já é tempo de colheita                     | Marcha                                       | 195    |
| Marcha VI: setembro, a terra toda em flores...       | Marcha – Música 32                           | 195    |
| Cantos da manhan I: Que lindo dia!                   | Canto – Música 13                            | 196    |
| Cantos da manhan II: De mãos dadas e alegrinhas      | Canto – Música 10                            | 196    |
| Cantos da manhan III: Bom-dia, sol formoso           | Canto – Música 8                             | 197    |
| Cantos da manhan IV: Já o sol no céu brilhou         | Canto – Música 24                            | 197    |
| Cantos da manhan V: E' mais um anno que começa       | Canto – Música 9                             | 198    |
| Cantos da manhan VI: De manhan quem me desperta      | Canto – Música 18                            | 198    |
| Cantos de despedida I: O dever das creancinhas       | Canto – Música 86                            | 199    |
| Cantos de despedida II: Como um sonho, as horas voam | Canto – Música 364                           | 199    |
| Despedida do Jardim                                  | Canto  | 200    |
| O portão do Jardim                                   | Canto  | 200    |
| Hymnos I: A infancia é um hymno celeste              | Hino   | 201    |
| Hymnos II: Salve! Jardim da Infância                 | Hino   | 202    |
| I. Passarinhos no bosque                             | Versos para brinquedo de movimento           | 227    |
| II. Olhos vendados                                   | Versos para a educação do ouvido             | 229    |
| III. Os carrinhos                                    | Versos para brinquedo de movimento           | 231    |
| IV. A solidão  | Versos para brinquedo de movimento sociedade | 232    |
| V. As arvores  | Versos para exercício dos braços             | 233    |
| VI. O caracól  | Versos para brinquedo de movimento           | 234    |

Fonte: Elaborado pela autora com base na *Revista do Jardim da Infância* (1897).

Um exemplo de atividade a ser realizada com a criança seria dar uma bola para cada uma, a professora deveria estimular e explorar os movimentos da bola e, brincando, elas cantariam os versos como no exemplo abaixo:

Vem cá, lindo raio amigo  
 Ora branco, ora de cores;  
 Quero ver-te aqui commigo  
 Apanhar teus esplendores.  
 Dá-me a tua luz formosa,  
 Quero vel-a em meus brinquedos;  
 Córa-me a face mimosa,  
 Não fujas dentre os meus dedos  
 (REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA, 1896, p. 152).

Sempre que uma atividade era realizada, os versos completavam o feito e, assim, integrava-se a outros conhecimentos. A ideia original de Fröebel era de que a brincadeira resultava na educação. “Pelos meios do brincar, o pedagogo achava evidências para o fim educativo” (REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA, 1897, p. 207). “[...] Acrescentando a tais variadas formas de expressão artística os jogos de jardim com suas representações dramáticas, movimentos rítmicos, poemas e músicas propõe diversas modalidades de atividades para desenvolver os poderes considerados inatos na criança” (KISHIMOTO, 1996, p. 156).

Zalina demonstrava com seus versos um sentido real adaptado na musicalidade, com ritmo e dramatização para fazer sentido na vida da criança. Conforme Fröebel, ela procurava o desenvolvimento completo e total da criança.

A poetisa mostra que na teoria de Fröebel a criança tem predisposição à música, e que quando se trabalham os jogos e as músicas beneficia-se o desenvolvimento delas. O trabalho no Jardim é essencial para que a criança no desenvolvimento da educação se torne um ser pleno. Assim, os costumes infantis recaem sobre o desenvolvimento da mente. Os brinquedos que eram trabalhados com o ritmo da música apresentavam ótimos resultados.

As creanças reúnem-se em fileira, uma após outra, e vão caminhando em passos de tres tempos. Quando cada um dos dois primeiros passos contem  $\frac{1}{8}$  e o terceiro  $\frac{1}{4}$  do compasso, os braços pendem aos lados. Quando chegam ao p batem palmas.  
 Ao signal param um instante e depois continuam, sempre ao som do canto.  
 Cantae que é bom cantar!  
 Do canto é doce a melodia;  
 Rodae que é bom rodar,  
 Viva o prazer! Viva a alegria  
 (REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA, 1896, p. 61).

Segundo Fröebel (2010), se a criança aprende no movimento rítmico e ordenado, ela se beneficiará por toda vida, pois os ritmos devem fazer parte da educação da infância, “[...] se

desenvolveria num superior sentido para a natureza e para a arte, para a música e para a poesia” (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 76). Portanto, o ritmo está ligado às brincadeiras. Para Zalina, todo educador deveria prestar atenção no desenvolvimento dos talentos para a musicalidade espontânea na criança (FRÖEBEL, 2010, p. 85), lembrando que, assim como na linguagem, as crianças que são educadas dessa forma logo percebem a facilidade de colocar as palavras e construir novos conceitos. Por meio da música e dos jogos, com os movimentos e com a imitação é que a criança se beneficia das atividades para se reproduzir na sociedade e no mundo, estimulando sua imaginação. As professoras do Jardim da Infância instruíam por meio de brincadeiras e jogos, vivenciando cada situação de brinquedos e brincadeiras onde a aprendizagem acontecia.

As crianças em número de seis ou de oito, aproximam-se de uma árvore, a cujo tronco seguram-se com a mão esquerda. As que tiverem a mesma altura e força devem ficar juntas. Começa então o movimento imitativo do moinho, a princípio bem vagaroso, devendo a velocidade ser aumentada aos poucos.

Durante o brinquedo as crianças cantarão os versos seguintes

Já viste o moinho girando

Ao sopro de vento amigo?

Dia e noite trabalhando

Moe o milho, moe o trigo.

Nossa vontade, amiguinhas

E' um vento de azas potentes

Sejamos como os moinhos:

Ativos, bons, diligentes

(*REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA*, 1896, p. 50).

Quando as crianças cantam os versos, elas dão vida à brincadeira, assimilando por intermédio do brincar a explicação das professoras. Com os versos, a criança se diverte, mas percebe que há ensinamentos sobre valores morais. Dessa maneira, com diversos tipos de brincadeiras elas aprendem brincando. Brincadeiras essas que são: “[...] mediadores do processo de apreensão do mundo pela criança, por meio da interiorização, como também no processo de conhecimento de si mesma pela criança (autoconhecimento), por meio da exteriorização” (ARCE, 2004, p. 15). É durante as brincadeiras que as crianças liberam suas energias, mas é por meio dos jogos que elas, além de educar para a liberdade, também educam a obediência nas crianças, “O homem criado para a liberdade e para a imitação de Deus, assim, a boa educação deve levar a liberdade” (FRÖEBEL apud HEILAND, 2010, p. 58).

Fröebel, (2010, p. 330) indica que o crescimento natural da criança não deve ser oprimido, ele afirma que isso impede a ação do corpo, engessando o conhecimento de si mesmo, porque a criança deve ser livre para se movimentar. “Logo, o menino deve aprender a exercitar

a arte mais nobre e mais difícil: saber conservar o seu centro de gravidade, o justo meio no caminho da vida, apesar de todos os desvios, transtornos e obstáculos” (FRÖEBEL, 2010).

É na infância que vemos a importância do brincar e dos movimentos para o desenvolvimento físico da criança. Todas as fases, como engatinhar, sentar-se e andar são importantes para o desenvolvimento motor da criança, e Fröebel pensou em seu projeto pedagógico colocando os jogos e brinquedos para o desenvolvimento das crianças. Por isso, o trabalho de Zalina consistiu na tradução e adaptação dos versos que acompanhavam os brinquedos, mostrando toda sua preocupação musical e estética.

Para o pedagogo foram importantes as brincadeiras pensando na formação do ser humano. Zalina também acreditava ser essencial adaptar as brincadeiras baseando na estrutura pedagógica de Fröebel. Ao analisar as traduções de Zalina, percebe-se que estava bem alinhada à teoria do pedagogo e preocupada com o desenvolvimento da criança, buscando um trabalho pedagógico que visava à integridade mental e física da criança.

Em síntese, o Jardim da Infância foi um trabalho pioneiro e de suma importância também para os que estiveram envolvidos com essa educação, que tem sido investigada desde então, na fase da vida que necessita de uma educação para contribuir para sua formação plena, e o trabalho de Zalina foi bastante significativo para a formação da educação da infância.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Zalina Rolim foi uma mulher, educadora e poetisa que contribuiu muito para a história da educação do Jardim da Infância em São Paulo. Dedicou e se envolveu com a educação escolarizada da infância, que fora naquele momento algo novo no Brasil e no mundo. Orientou as jardineiras na parte pedagógica e as auxiliou no desenvolvimento com as crianças. Não era comum à época mulheres participarem ou contribuírem com a educação, pois esse papel era liderado por homens no poder.

A poetisa nasceu e cresceu nas cidades do interior do estado de São Paulo; teve muito contato com o rural, que foi fonte de inspiração para suas poesias, bem como suas amigas inspiraram seus escritos. Apesar de quase não frequentar a escola, teve sua alfabetização feita por seu pai José Rolim, e os conhecimentos em outras línguas dados pelo educador João Köpke, que teve grande contribuição no Jardim da Infância. Após seu casamento com o ministro Dr. José Xavier de Toledo, isolou-se e viveu uma vida típica da mulher oitocentista: não quis mais trabalhar na educação e se dedicou à família. O esposo, um homem bem mais velho, vindo de família rica, não achava que havia a necessidade de trabalhar fora. Eles tiveram apenas um filho que morreu ao nascer (LEITE, 1954).

Vinda de família de bom poder econômico, foi educada para a liberdade para que tivesse a sua própria escolha quando desejasse selecionar a profissão. Sua escolha foi ser poetisa e, em seguida, ser professora. Mesmo que seu trabalho com a educação tenha lhe rendido muitas homenagens, nada a fez retornar após ficar viúva, e isolou-se completamente. Segundo Cecília Prada (2013), jornalista e escritora do jornal *A Gazeta* de São Paulo, tentou uma entrevista com a poetisa, conseguiu, mas não pode publicar:

No início de minha carreira, em 1949 ou 1950, trabalhando em “A Gazeta” de São Paulo, mandaram-me entrevistar Zalina Rolim, então com uns 80 anos. Mostrou-se muito tímida, não queria me dar a entrevista, não devia aparecer, dizia. Mas consegui que ela falasse, cheguei à redação e transcrevi a entrevista. Mas logo mais me chamaram ao telefone: era ela, pedindo pelo amor de Deus que não publicasse nada sobre ela. Ela me havia dito que depois de casada o marido não queria que ela escrevesse mais, que continuasse a trabalhar. E assim, mesmo viúva, parecia satisfazer ao desejo do marido (PRADA, 2013).

Embora a história dependa sempre de fontes, e que nem sempre são encontradas pelo historiador, os arquivos de periódicos foram extremamente importantes para mostrar as produções de Zalina Rolim, e acredito que não se restringiram somente a São Paulo, pois os jornais e revistas circulavam em outros estados também. Foi por meio dos periódicos que

comecei a pesquisa para traçar toda trajetória de vida de Zalina Rolim, bem como os artigos e dissertações que trataram do assunto em questão; cada conhecimento e relato encontrado é de grande importância para a investigação e ajuda a conduzir e mostrar os caminhos no objetivo da pesquisa. Com a pesquisa iniciada e percorrida nos periódicos, artigos, trabalhos e na biografia da poetisa, sabe-se que ela pertenceu a um grupo de pessoas interessadas em mudar a história da educação com ideias que a criança deveria ter o momento em que tinha direito à educação, sendo educada, civilizada e capacitada para o futuro.

Ressalta-se que ela se debruçou na educação republicana e no método froebeliano. Chegou ao coração de muitas crianças ao colocar-se à disposição delas e de todos que amavam educar. Zalina contribuiu muito com a infância da criança paulista, e parte de suas produções foram essenciais para a pesquisa. Assim, dediquei-me ao estudo das produções e traduções publicadas na *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897). Desde as primeiras análises, os textos refletiam a construção da identidade de cada criança, pois elas são seres diferentes do adulto em relação às suas necessidades. Esse ponto de vista pode ser reorganizado e ser passivo de outros trabalhos que historiadores se propuserem a pesquisar e elaborar outros trabalhos na História do Brasil.

As pesquisas serviram para mostrar que a infância pode ser pensada em tempos diferentes e nos variados lugares do país. Em vista disso, as questões levantadas foram: o que as poesias retratam em questão? O que ela quis retratar em cada verso adaptado ou traduzido? O que esses versos queriam retratar? Como foi a preocupação em relação à criança? Essas produções e adaptações publicadas na revista ajudaram outros profissionais?

Se examinar-se os trabalhos de Zalina publicados na *Revista* e em seus livros, encontram-se obras direcionadas para o público infantil, uma infância retratada na escrita e direcionada para a total aprendizagem da criança em foco, com a preocupação de ensinar o amor, o respeito, a família e o amor à natureza. Posto isso, buscou-se o entendimento dessas questões, e fica aberto também aos interessados em uma nova pesquisa sobre a poetisa e suas produções.

Zalina marcou a história da educação na infância como educadora. Dantas (1983) e Piza (2008) realizaram um trabalho biográfico de extrema importância sobre a vida da poetisa, porém, com a certeza de que ainda há muito o que estudar sobre a autora, na presente pesquisa procurei mostrar a trajetória de vida e o trabalho da poetisa em favor da educação na infância com a contribuição do primeiro Jardim da Infância de São Paulo. Foi um trabalho pedagógico realizado por ela, por meio das traduções e adaptações do sistema froebeliano. No referente estudo, e por meio das fontes, ela demonstrou delicadeza no trabalho educacional, dando vida

ao Jardim da Infância, trazendo avanços significativos resultantes das práticas pedagógicas propostas por Fröebel e que serviram de exemplos publicados na *Revista do Jardim da Infância* (1896, 1897) para as professoras dos jardins. A poetisa e educadora contribuiu muito para a história da educação do Jardim da Infância de São Paulo, e seu envolvimento com a educação na infância foi muito significativo.

As poesias de Zalina, em questão de gênero, foram de uma menina que cresceu em uma época em que a educação para as mulheres era restrita e suas produções retratam a menina que aprendeu a ler e escrever, mas não mostram a mulher independente, expondo sempre a menina de maneira maternal, educada para ser uma boa mãe, e não uma boa profissional. Assim como Zalina, muitos profissionais da educação da época viam na educação feminina o futuro da nação, mas não como deveria ser levada em consideração sua participação na educação, e sim como um ser passivo, cuja função deveria ser a responsável pela educação dos filhos, principalmente dos filhos homens que deveriam levar o país ao progresso. Meninas e meninos estudavam, mas deveriam desenvolver funções diferentes na sociedade na qual deveriam exercer papéis de acordo com cada estímulo que receberiam.

A educação prepara os cidadãos para o futuro, e Zalina, por meio da literatura, apresentou normas de conduta a serem colocadas em prática. Zalina participou assiduamente como escritora e professora, suas obras publicadas na *Revista de Jardim da Infância* (1896, 1897) devem ser exploradas nos contextos histórico, social e cultural, e fazer com que discussões sobre a educação e a representação da infância se tornem exemplos a serem utilizados pelas crianças.

Zalina Rolim colaborou com a educação na infância, alicerçada em uma educação idealizada pela política do país, que conferia à escola a responsabilidade de educar, civilizar e preparar a criança para o crescimento da nação, onde deveria amar e lutar por seu país.

Como a educação da época tinha por objetivo preparar os futuros cidadãos para serem pessoas honestas, com sua literatura e seus personagens de condutas, Zalina colocou em prática o objetivo de civilizar e educar as crianças por meio de suas produções, adaptações e traduções publicadas na *Revista do Jardim da Infância* (1896, 1897), atuando como escritora e professora do Jardim da Infância. Por fim, deixo o incentivo e o desejo de que outros interessados na pesquisa possam aproveitar o presente trabalho e realizar outras pesquisas sobre a obra de Zalina Rolim.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. **70 anos da Academia Paulista de Letras**. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1979.

AIRD, M. C. R. **O Jardim da Infância público anexo à Escola Normal da Praça: um estudo sobre gênero (1896-1926)**. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALBUQUERQUE JUNIOR, A. E.; SANTOS, E. M. Produção científica sobre Segurança da Informação em anais de eventos da ANPAD. *In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO*, 4., 2013. **Anais [...]** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.

ALMEIDA, P. D. de. (dir.) **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

ARCE, A. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friederich Fröebel. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 9-25, abr. 2004.

BALDUINO, S. C. Os anjos do jardim: a infância da mulher protetora na Revista do Jardim da Infância (1896-1897). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO*, 4., 2006, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2006.

BERTOLETTI, E. N. M. **Lourenço Filho e a alfabetização**: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!. São Paulo: UNESP, 2006.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). Escritos da Educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007a. p. 39-64.

BOURDIEU, P. O capital social. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). Escritos da Educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b. p. 65-70.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). Escritos da Educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007c. p. 71-80.

BOURDIEU, P. Por uma ciência das obras. *In: BOURDIEU, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2011. p. 53-89.

BOTO, C. **A escola do homem novo**: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. 1. ed. São Paulo: Unesp, 1996.

CARNET do Estado. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 13 mar. 1900.

CASTRO, M. G. B. Uma retrospectiva da formação de professores: histórias e questionamentos. **Movimentos**: Revista da Educação, Niterói, v. 3, p. 1-21, 2016.

COSTA, E. V. da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 9. ed. São Paulo: Unesp, 2010.

D'ÁVILA, A. **Augusto Guilherme Frederico Fröebel em São Paulo: subsídios para a história do Jardim da Infância paulistano**. São Paulo: Ed. Mecanográfica São Paulo, 1972.

DANTAS, A. de A. **Zalina Rolim**. São Paulo: Pannartz, 1983.

DELANEZE, T. **As reformas educacionais de Benjamin Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932): o projeto educacional das elites republicanas**. São Carlos: UFSCar, 2007.

DEL PRIORE, M. D. Apresentação. *In*: DEL PRIORE, M. D. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

FERRARI, M. Emilia Ferreiro: a estudiosa que revolucionou a alfabetização. **Revista Escola**, São Paulo, 1 out. 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/alfabetizacao-inicial/estudiosa-revolucionou-alfabetizacao-423543.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2015.

FREYRE, G. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

FRÖEBEL, F. **A Educação do Homem**. [1826]. Passo Fundo: UPF, 2001.

GAENSLY, G. **Fotos e Ilustrações de São Paulo - 1558 a 1960**. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=fotos&pagfis=4576>. Acesso em: 21 dez. 2015.

HILSDORF, M. L. S. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

JARDIM da Infância. **Correio Paulistano**, São Paulo, 26 jun. 1887.

KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo: (das origens a 1940)**. 1986. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. Fröebel: uma pedagogia do brincar para infância. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (org.). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 37-63.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. *In*: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO A. R. do (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC, 2007. p. 13-21.

KUHLMANN JR., M. O jardim-de-infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. *In*: MONARCHA, C. (org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001. p. 3-30.

LANE, H. M. A instrução pública em S. Paulo – V. São Paulo. **O Estado de São Paulo**, 8 jan. 1897a.

LANE, H. M. A instrução pública em S. Paulo – VI. São Paulo. **O Estado de São Paulo**, 9 jan. 1897b.

LEITE, M. C. Dona Zalina Rolim: notas biobibliográficas. **ALFA** – Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Marília, n. 3, p. 127-131, mar. 1963.

LIVRO das crianças. **Jornal do Brasil**. [s. l.]. 9 set. 1896.

MAGNANI, J. G. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Hucitec [1 ed., Brasiliense, 1984]. 1998a.

MAGNANI, J. G. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. **Sociedade global**: cultura e religião, Petrópolis, Vozes, 1998b.

MARCÍLIO, M. L. O “século” da escola 1870-1990. In: MARCÍLIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Fernand Braudel, 2005. p. 91- 333.

MONARCHA, C. **Escola Normal da Praça**: o lado noturno das luzes. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NECROLOGIA. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 25 jun. 1961.

NECROLOGIA. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11 set. 1980.

NEVES, F. M. **O método lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.

O DR. JOSÉ Xavier de Toledo. **Correio Paulistano**, São Paulo, 13 dez. 1887.

O NOME que gerações abençoaram! **Correio Paulistano**, São Paulo, 22 jan. 1939.

OLIVEIRA, V. V.; SEGABINAZI, D. M. A formação virtuosa através da ilustração em Livro das Crianças, de Zalina Rolim. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 35, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1597/1262>. Acesso em: 21 set. 2016.

OLIVEIRA, V. V. de. **As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em Livro das crianças**. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11936>. Acesso em: 12 fev. 2010.

- PANIZZOLO, C. **João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade**. 2006. 358 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PERES, T. R. Educação brasileira no Império. *In*: PALMA FILHO, J. C. **Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2005. p. 29-47.
- PIZA, M. A. de T. **Zalina Rolim: poetisa e educadora**. Itu: Ottoni Editora, 2008.
- PRESTES, G. **Revista do Jardim da Infância**. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueria e Comp., 1896. v. 1.
- PRESTES, G. **Revista do Jardim da Infância**. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueria e Comp., 1897. v. 2.
- REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueria e Comp., 1896. v. 1.
- REVISTA DO JARDIM DA INFÂNCIA. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueria e Comp., 1897. v. 2.
- RODRIGUES, L. M. P. **A instrução feminina em São Paulo: subsídios para sua história até a Proclamação da República**. São Paulo: Faculdades de Filosofia “sedes sapientiae”, 1962.
- ROLIM, Z. **O coração**. São Paulo: Tipografia de Hennies e Winiger, 1893.
- ROLIM, Z. **Revista do Jardim da Infância**. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueria e Comp., 1896. v. 1.
- ROLIM, Z. **Livro das crianças**. Boston: C. F. Hammett e Company, 1897.
- ROLIM, Z. **Revista do Jardim da Infância**. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueria e Comp., 1897. v. 2.
- SAES, F. A. M. de. Industrialização e urbanização (1870-1960). *In*: CAMARGO, A. M. de A. (coord.). **São Paulo, uma viagem no tempo**. São Paulo: CIEE, 2005. p. 113-134.
- SÃO PAULO. **Correio Paulistano**, São Paulo, 14 set. 1940.
- SÃO PAULO. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 1887 a 1977.
- SÃO PAULO, notas e informações. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11 nov. 1896.
- SARMENTO, M. J.; VASCONCELLOS, V. M. R. (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

- SILVEIRA, C. Apontamentos para uma história do ensino público em São Paulo: revistas de ensino. **Educação**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 323-332, jun. 1929.
- SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. *In*: REMOND, R. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-269.
- TANURI, L. M. Contribuição para o estudo da escola normal no Brasil. **Pesquisa e Planejamento**, São Paulo, v. 13, p. 7-98, dez. 1970.
- TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras, escrituras. *In*: DEL PRIORI, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 356-370.
- VALDEZ, D. *et al.* (org.). **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [século XIX]**. Goiânia: Cegraf UFG, 2023. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/dicion%C3%A1rio\\_de\\_autoras\\_e\\_cartilhas\\_de\\_leituras.pdf?fbclid=IwAR2rZ513Crg1Au4IHB4Nd4IS13k-gy7huJEyfJVX6D-UqRat4Ckct8cZxuI](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/dicion%C3%A1rio_de_autoras_e_cartilhas_de_leituras.pdf?fbclid=IwAR2rZ513Crg1Au4IHB4Nd4IS13k-gy7huJEyfJVX6D-UqRat4Ckct8cZxuI). Acesso em: 9 fev. 2023.
- VILLELA, H. O. S. **A primeira escola normal do Brasil**: uma contribuição à história da formação de professores. 1990. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.
- WARDE, M. J.; CARVALHO, M. M. C. de. Política e cultura na produção da História da Educação no Brasil. **Contemporaneidade e Educação**: revista semestral de Ciências Sociais e Educação, Rio de Janeiro, n. 7, ano 5, p. 9-33, 2000.